



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

ORLANDO MIGUEL RODRIGUES MARQUES

O desafio da Esperança

**Fundamentos e práticas pedagógicas concernentes à
unidade letiva 1 do programa do 6º ano de Educação Moral
e Religiosa Católica**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:
Prof. Doutor Alfredo Teixeira
Mestre Juan Francisco Ambrosio**

**Lisboa
2014**

“Feliz o homem que pôs a sua esperança no Senhor”

[Salmo 40(39), 4a]

Índice

INTRODUÇÃO	2
1. REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA	6
1.1. O Docente de EMRC, educador para a esperança.....	7
1.1.1. A esperança como qualidade pedagógica.....	9
1.1.2. Educar é abrir à esperança: perspetiva de D. Bosco	11
1.2. A disciplina de EMRC: uma porta para a esperança	16
1.3. O desafio da esperança na unidade letiva	22
1.3.1. O contexto da PES	22
1.3.2. Da lecionação à temática de reflexão	24
1.3.3. O núcleo temático: dignidade humana e esperança	27
2. A ESPERANÇA COMO HORIZONTE E GUIA DO CAMINHO: O CONTRIBUTO DA ENCÍCLICA <i>SPE SALVI</i>.....	32
2.1. A esperança na cultura contemporânea	33
2.1.1. Esperança(s) e desesperança(s) da sociedade contemporânea	33
a) Uma cultura do efémero	34
b) O valor fundamental da esperança	37
2.1.2. Diagnóstico e respostas da <i>Spe Salvi</i>	40
a) A encíclica <i>Spe Salvi</i> : apresentação e contexto histórico	40
b) A esperança no mundo contemporâneo: diagnóstico da <i>Spe Salvi</i>	41
2.2. A esperança cristã	45
2.2.1. Desafios e interpelações da esperança cristã	46
a) Problemáticas da globalização	46
b) Fé e esperança: horizonte e segurança para a humanidade	48
2.2.2. A esperança cristã, caminho de vida	51
2.2.3. Porque esperamos: aspetos psicológicos da esperança	55
2.2.4. Uma esperança ativa: com os outros e para os outros	59
3. A PEDAGOGIA DA ESPERANÇA: PROPOSTA DE TRABALHO	62
3.1. Proposta de alteração da unidade letiva 1 – A Pessoa humana	64
3.2. Proposta de enriquecimento extracurricular: <i>Clube da Esperança</i>	70
CONCLUSÃO	73
BIBLIOGRAFIA	76



INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge no contexto da Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada no ano letivo 2011-2012 no colégio salesiano Oficinas de São José – Associação Educativa¹, em Lisboa, na turma “A” do 6º ano.

Nessa turma trabalhei a unidade letiva 1, “A pessoa humana”, do 6º ano, em conformidade com o programa nacional e oficial de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC).

Esta foi, sem dúvida, uma oportunidade de aprendizagem e de crescimento como pessoa e docente de EMRC, e uma fonte de descoberta pedagógica. Na gestão do programa e na planificação que realizei fui procurando recorrer a diferentes estratégias e dinâmicas múltiplas e diversas de modo a ajudar os alunos não só na aquisição de saberes, competências e valores, mas também com o objetivo de colmatar lacunas e insuficiências do próprio programa. Nesta tarefa tive em conta a especificidade da turma, do contexto escolar e social específico deste estabelecimento de ensino, e dos respetivos alunos.

Da Prática de Ensino Supervisionada resultou a proposta para a temática a refletir e desenvolver no presente relatório: *O desafio da esperança, Fundamentos e práticas pedagógicas concernentes à unidade letiva 1 do 6º ano de Educação Moral e Religiosa Católica*. Esta reflexão é aqui apresentada em três etapas. No primeiro capítulo procura refletir-se a esperança a partir da prática pedagógica, seguindo-se uma reflexão de aprofundamento e fundamentação da temática da esperança, também com o objetivo de trilhar e preparar o caminho que levará à apresentação de uma proposta de trabalho final na terceira e última parte desta reflexão.

Refletir a esperança é um exercício pedagógico, até porque a esperança é ela própria pedagogia de vida que ajuda cada homem e cada mulher na sua realização enquanto pessoa. Na sua etimologia latina, esperança vem de *spes* e *sperare*, que significa uma espera aberta, que não assenta em resultados externos (como a expectativa), mas sobre a realização da pessoa (uma mudança radical da condição humana). Assim, a esperança é uma tendência para um bem futuro e possível. A esperança é uma energia interna, que cresce a cada momento e que torna um indivíduo capaz de derrubar muros e obstáculos que considerávamos intransponíveis.

A esperança projeta-se no futuro, uma vez que a pessoa que espera procura fundamentar e dar as razões dessa esperança e assume-se, consequentemente, não só como uma pessoa com um passado e um presente, mas, essencialmente, uma pessoa com um futuro. A vivência da esperança transmite paz e segurança ao dia de hoje e faz, assim, caminhar, com confiança,

¹ Em Setembro de 2014, altura da entrega deste relatório, o colégio tinha uma nova designação, designando-se agora por Salesianos de Lisboa.

rumo a um horizonte futuro. Sob a chave de leitura cristã a esperança é uma força transformadora do presente que assegura um futuro.

O anúncio do profeta Isaías, repetido ano após ano em tempo de advento, reclama acolhimento em toda a humanidade: um reino de justiça e de paz. Os desencantos na sociedade e cultura contemporânea não podem cessar a chama da vida. As razões da esperança humana são muito maiores, uma vez que desafia a um compromisso com o mundo, com o próximo e com a sua felicidade. Por natureza a esperança desafia a uma procura constante de respostas às situações de ausência de justiça e dignidade, a uma atitude e a uma postura ativa e não passiva. Essa é a resposta ao desafio da esperança, e a energia que faz dela chama de vida.

A esperança constitui pois uma chave de leitura e de construção da vida humana, individual e comunitária, que o docente de EMRC é chamado a transmitir na sua prática pedagógica, ao mesmo tempo que ele próprio deve ser veículo de esperança no dia-a-dia da comunidade escolar a que pertence.

É este o horizonte que guia a primeira parte deste relatório final da Prática de Ensino Supervisionada (PES), lançando um olhar sobre a docência da disciplina de EMRC, partindo da minha própria experiência de lecionação. Nesta linha é dado algum destaque às diretrizes e orientações que sustentam o ensino religioso escolar em Portugal. Este caminho há de conduzir esta reflexão sobre a esperança para o contexto pedagógico específico e concreto em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, que contribuiu para a definição da temática do presente relatório final da PES.

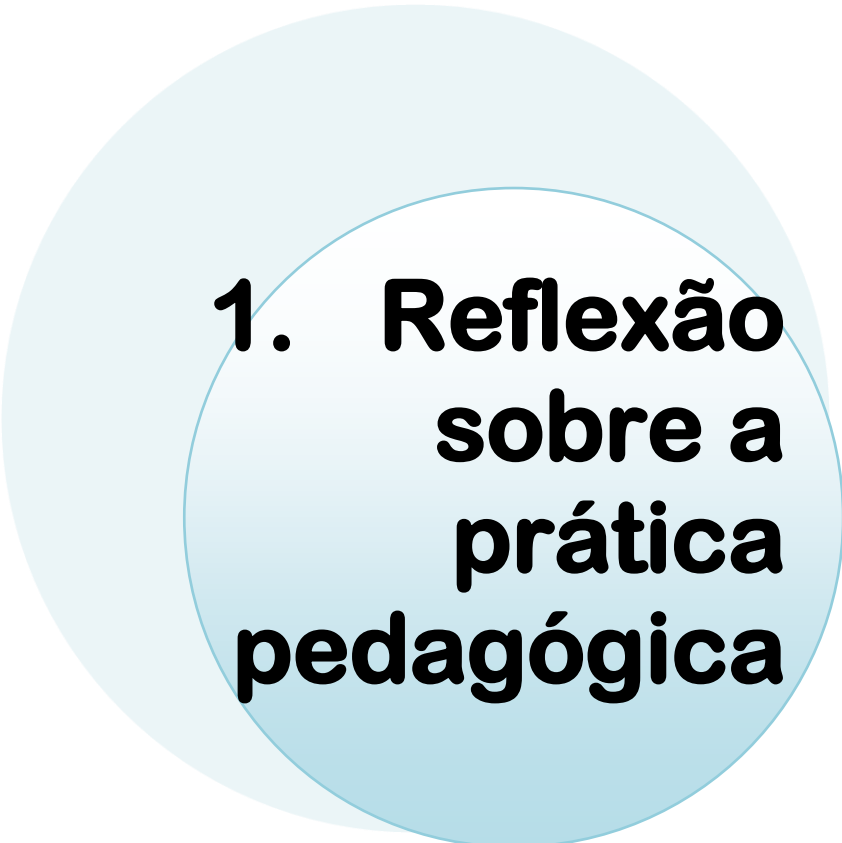
Num segundo momento o relatório apresenta uma reflexão teológica sobre a esperança, que permitirá iluminar e responder às questões surgidas no primeiro capítulo, ao mesmo tempo que aprofunda e fundamenta a temática da esperança e a revela como proposta de caminho e horizonte de vida.

Nesse sentido, a carta encíclica *Spe Salvi*, do Papa Bento XVI será o guia de toda a segunda etapa do relatório, permitindo também delimitar o itinerário a percorrer pela reflexão, dado o vasto horizonte que a temática da esperança poderia abranger. Trata-se de um documento que constitui uma proposta tocante e profundamente humana sobre as razões da esperança cristã, e que possibilitará ainda trilhar e preparar o caminho que levará à apresentação de uma proposta de trabalho final na terceira parte deste relatório.

Assim, o segundo capítulo do relatório final da PES apresenta uma reflexão, devidamente fundamentada, da esperança, enquanto horizonte e guia do caminho, tomando como ponto de partida a Carta Encíclica *Spe Salvi*. Será abordada a esperança no mundo contemporâneo, com as suas esperanças e desesperanças, abrindo-se a reflexão à esperança cristã, com a análise

dos seus desafios e interpelações que apresenta enquanto caminho de vida, enquanto filosofia e cultura de vida.

Finalmente, na terceira e última etapa o relatório apresenta uma proposta de enriquecimento da unidade letiva 1 – A pessoa humana. Trata-se uma proposta de trabalho, curricular e extracurricular, que procura ser uma resposta e um desafio, em termos de prática pedagógica, a toda a reflexão realizada.



1. Reflexão sobre a prática pedagógica



1.1. O Docente de EMRC, educador para a esperança

Ser professor é hoje o exercício de uma nobre vocação e de uma enorme responsabilidade, dados os desafios que se colocam à ação educativa.

“É bela, portanto, e de grande responsabilidade, a vocação de todos aqueles que, ajudando os pais no cumprimento do seu dever e fazendo as vezes da comunidade humana, têm o dever de educar nas escolas. Esta vocação exige especiais qualidades de inteligência e coração, numa preparação esmeradíssima e uma vontade sempre pronta à renovação e adaptação”²

O professor de EMRC comunga do perfil comum a todos os professores, qualquer que seja o seu nível de ensino ou o seu grupo disciplinar. Como qualquer outro professor, o docente de EMRC deve ter um perfil humano que comporte um “equilíbrio e a maturidade humana”. Deve ter um comportamento sensato, uma personalidade equilibrada e maturidade adequada à missão a desempenhar, bem como “capacidade de relação e de integração escolar”.³ Deve ter ainda “uma atitude construtiva na comunidade”.⁴ Na sua relação com a comunidade educativa e no exercício da docência deve, por isso, desafiar a um compromisso com o próximo e com a sua felicidade, a uma procura constante de respostas às situações de ausência de justiça e dignidade, a uma atitude e a uma postura ativa e não passiva. É, por isso, uma agente de esperança.

O Código de Direito Canónico (CDC), no cânone 804 §2, define e sintetiza o professor do ensino religioso numa qualidade: a excelência.⁵ Simultaneamente, a figura do docente é caracterizado por três funções inseparáveis: testemunha, professor e educador. Estas três funções inseparáveis derivam-lhe do pacto educativo que está inerente à sua missão. Por

² CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração Gravissimum Educationis*, 5, Editorial A. O., Braga, 1983.

³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral da CEP, Lisboa (2006), n.º5.

⁴ MARTO, A., Nota Pastoral “Critérios para a admissão e recondução de docentes de Educação Moral e Religiosa Católica na Diocese de Leiria-Fátima”, in *Leiria-Fátima – Órgão Oficial da Diocese* 45 (2008), 24.

⁵ “Seja excelente pela reta doutrina, pelo testemunho cristão e pela capacidade pedagógica”. *Código de Direito Canónico*, Theologica, Braga, 1997, 804 §2.

consequente, o professor testemunha a fé que professa a qual serve de ponto de orientação na sua ação enquanto professor. O seu perfil deve pois ser marcado pelo testemunho de uma vida cristã coerente e comprometida eclesialmente⁶

São elementos essenciais do perfil cristão do professor de EMRC as seguintes dimensões: a vivência da fé através da prática dos valores evangélicos da solidariedade, da convivência e da fraternidade universal; uma clara opção cristã de vida; um estado de vida consentâneo com as normas da Igreja; e a inserção e compromisso comunitários nomeadamente através da participação ativa numa paróquia de referência ou a vinculação a um movimento eclesial.⁷ É isto que fará dele um agente de esperança, isto é, alguém capaz de abrir à esperança, e de a tomar como leme do agir quotidiano.

Neste sentido, o docente de EMRC deve nortear o seu agir no exercício da docência e na relação com a comunidade cristã onde está inserido, de modo a assumir verdadeiramente um carácter de homem ou mulher de esperança:

- Inspirando confiança no conhecimento e compreensão dos outros através de um diálogo franco e aberto;

- Sendo exemplo na capacidade de acolhimento, na atitude dialogante, na relação com os alunos e os colegas. Segundo o professor Fernando Moita, o docente de EMRC tem a especificidade de “olhar o aluno como único, transmitindo afeto e valorizando aquele que tem à sua frente. O professor de EMRC tem de ser uma pessoa de afetos e humanidade.”⁸

- Comprometendo-se na vida da escola, entendendo-a como uma comunidade educativa e não somente como um espaço onde se dão aulas;

- Participando ativamente em todo o processo de aprendizagem, assumindo uma postura de mediador crítico em toda a ação educativa;

- Sendo um cristão que compreende as mutações tecnológicas, económicas e sociais e que perscruta os sinais dos tempos nelas contidos;

- Sendo um cristão que colabora com as estruturas existentes que se dedicam à implementação da justiça, da paz e da solidariedade para com os desprotegidos e marginalizados.

⁶ Cf. CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica*, 5.

⁷ MARTO, A., “Critérios para a admissão”, 24.

⁸ MOITA, F., “Aprender a olhar a vida de maneira diferente”, in *Voz da Verdade*, 2012, [URL] <http://www.vozdaverdade.org/site/index.php?cont_=ver2&id=2788>, 10-03-2013.

1.1.1. A esperança como qualidade pedagógica

Saber esperar é uma virtude cristã que o professor de EMRC deve valorizar na sua vida pessoal e no exercício do seu múnus. A esperança qualifica e dignifica a vida. Ela desafia a um compromisso com o mundo em que vivemos, a uma procura constante de respostas para as situações de ausência de justiça e dignidade, a uma atitude e a uma postura ativa. A esperança não é apenas saber esperar, mas também antecipar.

Pela sua capacidade de acolhimento e atitude dialogante, na relação com os alunos, colegas e restante comunidade educativa, o professor de EMRC tem a especificidade de olhar o outro como único, transmitindo afeto e valorizando aquele que tem à sua frente.

Por entre dramas de vida, fraudes e corrupções, a Igreja aponta a fé e a esperança como verdadeiro caminho de felicidade. Tal exercício é fundamentado em tantos testemunhos de generosidade e dádiva de homens e mulheres cujo horizonte de vida assenta na Fé num Deus que não abandona ninguém, na esperança num homem solidário, justo e verdadeiro.

A firmeza da fé há-de ser, pois, fonte de esperança para a comunidade. Ser sal e luz no mundo não é mais que ser esperança para o mundo, individualmente ou colaborando com as estruturas existentes na edificação da justiça e da paz, no apoio e proteção aos desfavorecidos, desprotegidos e marginalizados.

Para além do contributo da PES para a reflexão sobre o desafio da esperança, é oportuno sublinhar alguns dados e situações importantes do meu percurso profissional que, de algum modo, procuraram ser resposta aos apelos de uma esperança ativa.

De facto, foram várias as dinâmicas de colaboração com as estruturas locais e comunitárias na procura de resposta aos apelos da dignificação da vida de tantas famílias. Em cada escola por onde passei procurei realizar ações de solidariedade que envolvessem toda a comunidade e promovessem o desenvolvimento do espírito de partilha, solidariedade e justiça. De modos diversos tal foi acontecendo: campanhas de recolha de alimentos, bens de higiene, brinquedos e materiais escolares; visitas regulares ou pontuais a lares de idosos da comunidade local; distribuição de cabazes a famílias carenciadas de alunos; troca de correspondência entre alunos portugueses e de escolas de zonas de missão em Angola; promoção e realização de eventos para angariação de fundos para projetos missionários e/ou de solidariedade para com alunos e famílias da escola; semanas missionárias; participação em eventos solidários de âmbito regional. São diversos os exemplos de trabalho que realizei com a colaboração de alunos, colegas docentes, diversos elementos da estrutura e comunidade educativa, e outras

entidades parceiras na realização de projetos, sempre com o objetivo de colocar em prática estratégias de promoção e desenvolvimento do espírito de partilha, solidariedade e justiça.

Saliento, a título de exemplo, o trabalho que desenvolvi no Agrupamento de Escolas Cónego Dr. Manuel Lopes Perdigão de Caxarias, com o designado “Clube de Solidariedade”, cuja coordenação e dinamização me foi delegada pelos órgãos diretivos, nos três anos em que lecionei no agrupamento. Foram múltiplas as atividades desenvolvidas, muitos os alunos, colegas e auxiliares envolvidos, e várias as parcerias realizadas com entidades, instituições e empresas locais e regionais. O “Clube de Solidariedade” tornou-se um símbolo do agrupamento, sendo hoje orgulho de toda a comunidade educativa. É exemplo de sucesso, dada a seriedade do trabalho desenvolvido que criou raízes e conquistou o carinho de todos os elementos da comunidade educativa, culminando com a atribuição em 2014 do selo *Escola Voluntária* pelo Ministério de Educação e Ciência (de Portaria n.º 333/2012 de 22 de outubro). Alguns dos ex-alunos daquela escola sublinham o valor que foi para eles o “Clube de Solidariedade”, a importância das atividades realizadas, destacando o entusiasmo e vivência do espírito de solidariedade, partilha, justiça e esperança, que o clube lhes ensinou e incutiu. Não faz, pois, sentido falar de esperança sem dar exemplos e testemunho da vivência da mesma. Sobretudo, porque integrada num projeto educativo.

Considerando o contributo dado na edificação do projeto educativo através do “Clube de Solidariedade”, julgo fundamental que o professor de EMRC saiba dar um testemunho de esperança ativa aos alunos através das atividades que os envolvam. No caso concreto, o entusiasmo, a fé e o espírito de trabalho incansável foram fundamentais.

A atitude construtiva na comunidade, traduzida na alegria e na esperança levada a tantas famílias, alunos, e idosos, são de facto o resultado de uma postura ativa, conseguida pelo exercício de uma docência que desafia a um compromisso com o próximo e com a sua felicidade, a uma procura constante de respostas às situações de ausência de justiça e dignidade.

Vivemos um período muito difícil para o nosso país, com muitas famílias a viver grandes dificuldades. É fundamental que o professor de EMRC saiba transmitir tranquilidade e esperança aos alunos, sobretudo sabendo que alguns sofrem com a situação familiar. É preciso ajudá-los a acreditar num futuro melhor, a saber esperar e ultrapassar obstáculos, vencendo o desânimo. O exemplo e testemunho de vida são um meio privilegiado para lhes transmitir ânimo e esperança.

Uma palavra de alento e compreensão têm sempre um grande valor, e ajudam a manter acesa a chama da esperança, em detrimento do desânimo, até porque o modo de tratamento do aluno em sala de aula deve ter influência positiva nos resultados a obter pelo aluno.

Segundo Richard Arends, o nível socioeconómico caracteriza e influencia muitas vezes o desempenho dos alunos. “De uma maneira geral os alunos com baixo nível socioeconómico, independentemente da sua raça, têm um desempenho mais baixo do que os seus colegas de classe alta ou média.”⁹

O baixo nível socioeconómico dos alunos deve ser motivo de especial atenção pelos professores, que não se devem deixar influenciar por ele ao nível das expectativas que criam dos alunos.

“Normalmente os professores têm poucas expectativas em relação a estes alunos e criam estereótipos das suas capacidades, devido, por exemplo à sua maneira de vestir e à linguagem que utilizam. As baixas expectativas dos professores podem criar uma reduzida autoestima nessas crianças, bem como baixas expectativas em relação ao seu trabalho.”¹⁰

Ao mesmo tempo, também “está demonstrado que estes alunos respondem mais positivamente aos professores que mostram respeito por eles, independentemente da forma como se vestem e falam, e beneficiam mais com os desafios que lhes são colocados do que com as baixas expectativas”¹¹. Os professores eficazes esforçam-se por ajudar os alunos de baixo nível socioeconómico a melhorar as suas competências de pensamento e linguagem e encontram formas de lhes transmitirem competência em capacidades que eles já possuem. Deve ser este o caminho a seguir pelo docente de EMRC. A valorização é sempre positiva, e os estímulos positivos trazem a esperança e produzem mais facilmente frutos que o contrário.

1.1.2. Educar é abrir à esperança: perspetiva de D. Bosco

Toda a tarefa de educação requer e contém uma vocação especial. Ser professor de EMRC exige a capacidade de abrir à esperança. No dia-a-dia na comunidade educativa onde exerce o seu múnus deve ser agente ativo na construção da mesma, quer pela sua capacidade de acolhimento e atitude dialogante, quer na relação com os alunos, colegas e restante

⁹ ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, Mc Graw-Hill, Lisboa, 2008, 80.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *Ibidem*.

comunidade educativa. Ser agente de esperança, olhando o outro como único e valorizando-o, é uma vocação.

“Recordai-vos que a educação é assunto do coração e que só Deus é o Senhor do coração. E nós não poderemos conseguir coisa alguma se Deus não nos ensina a Sua arte e não nos põe as chaves na mão (S. João Bosco).”¹²

Há oito anos iniciei esta caminhada de docente de EMRC. Ano após ano senti-me crescer. Êxitos e dificuldades foram contribuindo para o saber e experiência pedagógica que tenho vindo a desenvolver. O caminho percorrido foi rico e marcante. De todos os contributos para o crescimento e desenvolvimento profissional e vocacional destaco a grande e fundamental experiência da PES, enquanto excelente oportunidade para crescer quer como professor, quer a nível humano.

Neste sentido procurei, juntamente com as professoras cooperantes que me acompanharam, fazer uma boa gestão do programa, com uma boa e adequada leitura e análise dos conteúdos, competências e objetivos, analisando e lendo resultados, tendo sempre no horizonte as finalidades da disciplina e as necessidades dos alunos e da escola. Tratando-se de um colégio católico, e dada a sua especificidade e cariz salesiano, esta disciplina merece uma atenção especial e um lugar importante, e por isso todo o trabalho desenvolvido na gestão do programa, na preparação das aulas, na definição e implementação de estratégias, e na produção de materiais pedagógicos, teve isso em linha de conta. A componente espiritual e religiosa está bem patente no projeto educativo do colégio Oficinas de São José, cujas diretrizes educativas assentam no método educativo de S. João Bosco (D. Bosco).

O contacto com o Sistema Preventivo (método educativo) de D. Bosco foi, aliás, um aspeto muito valioso para a minha valorização profissional e pedagógica. Trata-se de um estilo de educação, feito de ação e reflexão que pretende desenvolver no educando o protagonismo juvenil e o seu sentido de pertença à comunidade educativa.

De acordo com o Projeto Educativo das Oficinas de S. José “as experiências transmitidas por Dom Bosco fundamentam-se na criação de um ambiente familiar saudável, aberto aos valores humanos e cristãos”¹³. Por isso, “o processo educativo centra-se no diálogo cordial, no ambiente de alegria e na dedicação do educador”¹⁴.

¹² SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Ser professor de EMRC, especificidade e distinção*, [URL] <<http://www.educris.com/v2/120-perfil/920-ser-professor-de-emrc>>, 15-03-2014.

¹³ FUNDAÇÃO SALESIANOS, *Princípios orientadores e valores fundamentais do Projeto Educativo*, [URL] <<http://www.lisboa.salesianos.pt/>>, 02-01-2014.

¹⁴ *Ibidem*.

Para os educadores salesianos o ato educativo é essencialmente um ato de relação. Enquanto processo educativo que visa desenvolver no educando o protagonismo juvenil e o seu sentido de pertença à comunidade educativa, o Sistema Preventivo de D. Bosco consiste “em tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois vigiar de modo que os alunos estejam sempre sob os olhares atentos do diretor ou dos assistentes”¹⁵. O sistema “apoia-se todo inteiro na razão, na religião e na bondade. Exclui, por isso, todo o castigo violento, e procura evitar até as punições leves”¹⁶.

De acordo com as orientações dos Colégios Salesianos de Lisboa, o método educativo Sistema Preventivo de D. Bosco caracteriza-se¹⁷:

- “1. Pela vontade de os educadores estarem entre os jovens partilhando a sua vida, olhando com simpatia para o seu mundo, atentos às suas verdadeiras exigências e valores;
2. Pelo acolhimento incondicional, força promocional e capacidade incansável de diálogo;
3. Pelo critério preventivo que crê na força do bem presente em cada jovem, também no mais carente e procura desenvolvê-la mediante experiências positivas;
4. Pela centralidade da razão, que se torna bom senso das exigências e das normas, flexibilidade e persuasão nas propostas;
5. Pela centralidade da religião, entendida como desenvolvimento do sentido de Deus congénito a toda a pessoa e esforço de evangelização cristã;
6. Pela centralidade da amorevolezza (amor, “amorabilidade”, amabilidade), que se expressa como amor educativo que faz crescer e cria correspondência;
7. Por um ambiente positivo tecido de relações interpessoais, vivificado pela presença amorosa, solidária, animadora e ativadora dos educadores e do protagonismo dos próprios jovens;
8. Por um estilo de animação, que crê nos recursos positivos do jovem.”

Ao referir-se ao Sistema Preventivo, praticado nas casas salesianas, D. Bosco afirma que se trata de um sistema de “difícil na prática”.

“Observo que da parte dos alunos torna-se bastante mais fácil, agradável e vantajoso. Para o educador, encerra alguma dificuldade que, porém, diminuirá se ele se entregar com zelo à sua missão. O educador é um indivíduo consagrado ao bem de seus alunos: por isso, deve estar

¹⁵ Dom João BOSCO, *O Sistema Preventivo na educação da juventude*, in *A pedagogia de Dom Bosco em seus escritos*. Editora Salesiana, São Paulo, 2005, 8.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ FUNDAÇÃO SALESIANOS, *Método Educativo - Sistema Preventivo de D. Bosco*, [URL] <<http://www.lisboa.salesianos.pt/>>, 02-01-2014.

pronto a enfrentar qualquer incômodo e cansaço, para conseguir o fim que tem em vista: a formação cívica, moral e científica dos seus alunos.”¹⁸

Este método educativo é, segundo D. Bosco, mais difícil mas mais eficaz pois “predispõe e persuade de tal maneira o aluno, que o educador poderá em qualquer lance falar-lhe com a linguagem do coração, quer no tempo da educação, quer ao depois”¹⁹.

“Conquistado o ânimo do discípulo, poderá o educador exercer sobre ele grande influência, avisá-lo, aconselhá-lo, e também corrigi-lo, mesmo quando já colocado em qualquer trabalho ou empregos públicos, ou no comércio”²⁰.

D. Bosco valorizou muito os jovens e estabeleceu com eles uma relação muito próxima, de acompanhamento constante e próximo, o que lhe permitiu conhecer de perto o pensamento dos jovens e a sua compreensão do mundo. Trata-se de um aspeto que aprendi ainda mais a valorizar. A proximidade com os jovens é algo que sempre considere fundamental no exercício da docência. Nas Oficinas de São José foi-me transmitido e tive oportunidade de observar e confirmar, que os professores e direção cumprem as orientações do Sistema Preventivo de D. Bosco, passando algum do seu tempo com os alunos fora do contexto de sala de aula. Desta forma conhecem mais de perto o seu mundo, a sua forma de estar no mundo, na sociedade, os seus anseios e preocupações, os seus gostos, e, assim, conseguirão mais facilmente delinear e construir estratégias e métodos pedagógicos mais motivadores, e consequentemente obter bons resultados ao nível dos conhecimentos e capacidades (metas curriculares) a adquirir e a desenvolver pelos alunos. Esta atitude pedagógica tipicamente salesiana possibilita uma capacidade de acolhimento e atitude dialogante na relação com os alunos que, por sua vez, abre à esperança. Conhecendo os anseios e preocupações do aluno, acolhendo-o e motivando-o, o docente contribui para a sua postura ativa quer na comunidade escolar, quer no meio familiar e outros ambientes sociais que frequente. O protagonismo que é dado a cada aluno, o “*critério preventivo que crê na força do bem presente em cada jovem*”²¹, e a consequente aposta “*nos recursos positivos do jovem*”²², desafia a um compromisso com o mundo em que vivemos. A abertura à esperança exige pois uma procura constante de respostas às situações de ausência de justiça e dignidade, a uma atitude e a uma postura ativa na sociedade.

¹⁸ Dom João BOSCO, “O Sistema Preventivo na educação da juventude”, 11.

¹⁹ *Ibidem*, 9.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ FUNDAÇÃO SALESIANOS, *Método Educativo - Sistema Preventivo de D. Bosco*, [URL]

<<http://www.lisboa.salesianos.pt/>>, 02-01-2014.

²² *Ibidem*.

A esperança é também antecipar, por isso a pedagogia da proximidade acrescida “pela presença amorosa, solidária, animadora e ativadora”²³ de educador, defendida por D. Bosco, deve ser algo a privilegiar no desempenho do múnus de docente de EMRC.

Foi nesta base que, durante a Prática de Ensino Supervisionada, e em colaboração com as professoras cooperantes, desenvolvi o trabalho de investigação, descoberta e elaboração de materiais. O planeamento e concretização de estratégias de aprendizagem que realizei durante a PES foram muito proveitosos e desenvolveram a minha capacidade de planificação letiva. Foi um trabalho que aumentou o meu conhecimento pedagógico, quer especificamente nas unidades lecionadas, quer de uma forma geral pois há estratégias que podem ser aplicadas noutras unidades e noutros níveis de escolaridade.

Considero que ao longo da PES aprofundi o meu conhecimento científico, também através das sessões do Seminário de Acompanhamento, e que, direta ou indiretamente, fui aplicando. A PES resultou pois numa fonte de aprendizagem para mim, enquanto docente, permitindo-me dominar e aprofundar estratégias de leção, melhor domínio dos processos de gestão e de operacionalização de competências, e da planificação de aulas.

Do caminho percorrido nestes oito anos, o progresso profissional conseguido, traduzido no desenvolvimento de um perfil cada vez mais adequado ao professor de EMRC, evidencia também a partilha de saberes, experiências, estratégias, recursos e pedagogias junto de outros docentes de EMRC e de outras áreas disciplinares. Tudo contribuiu para que crescesse como professor e homem.

Mas o progresso profissional não pode esquecer nunca o horizonte de esperança que deve nortear a ação do docente de EMRC.

O docente de EMRC é agente de esperança, olhando o outro como único e valorizando-o, recorrendo ao acolhimento incondicional e à capacidade de diálogo. A disciplina de EMRC é pois uma disciplina que abre ao outro e, por isso, de abertura à esperança. Ao analisar o seu enquadramento no sistema educativo português percebemos isso. Por esse motivo é fundamental dedicar-lhe um pouco de atenção. Neste sentido, no próximo ponto deste capítulo será dado algum espaço à reflexão sobre o enquadramento, finalidades e desafios desta disciplina.

²³ *Ibidem.*



1.2. A disciplina de EMRC: uma porta para a esperança

A Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) é uma das disciplinas através das quais em Portugal se concretiza a existência do Ensino Religioso Escolar (ERE) no Sistema Educativo. É com esta designação que o ERE está concebido e inserido atualmente nas escolas de nível básico e secundário em Portugal, ocupando “um lugar fundamental no sistema educativo”, como refere a introdução ao Programa de EMRC. A importância do ERE é reconhecida não apenas pela Igreja Católica, mas também pelas principais declarações de direitos, pela Lei de Bases do Ensino Português (LBSE), e fundamentalmente pelo Decreto-Lei n.º 70/2013 de 23 de maio.

“Estabelece o regime jurídico da lecionação e da organização da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC), nos estabelecimentos públicos dos ensinos básico e secundário, nos termos da Concordata celebrada entre a República Portuguesa e a Santa Sé, assinada em 18 de maio de 2004, na Cidade do Vaticano, e aprovada, por ratificação, pela Resolução da Assembleia da República n.º 74/2004, de 16 de novembro”.²⁴

Por seu turno os documentos do Secretariado Nacional de Educação Cristã e da Conferência Episcopal Portuguesa não deixam de sublinhar a importância da EMRC como elemento estruturante na edificação da personalidade.

“Atendendo à importância de que se reveste a educação integral da pessoa humana, a Educação Moral e Religiosa Católica, em linha com as convicções dos encarregados de educação ou dos alunos, é parte integrante do sistema educativo, uma vez que o enquadramento moral e religioso da vida é estruturante para o crescimento das crianças e dos jovens, constituindo um universo de referência a partir do qual se estrutura a personalidade e se adquire uma visão do mundo equilibrada e aberta ao diálogo com mundividências alternativas.”²⁵

²⁴ Decreto-Lei n.º 70/2013 de 23 de maio, artº1. Nota: Decreto-Lei aprovado após conclusão da PES.

²⁵ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa 2007, 13.

A EMRC tem a sua identidade e natureza próprias. Não se pode confundir com a catequese quanto à sua natureza, finalidades, destinatários e conteúdos. O próprio ambiente onde desenvolve os seus objetivos é diferente da catequese. A EMRC realiza-se em meio escolar onde, através de processos científicos e pedagógicos, “assegura às crianças e jovens a consecução de objetivos de natureza científica, cultural e humana”²⁶. Catequese e EMRC não são duas formas alternativas de educação religiosa. Ambas visam a “educação integral das crianças e jovens”, no entanto são claramente duas abordagens complementares e com finalidades diferentes.

“A EMRC tem em vista a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção dum projeto pessoal de vida. Promove-a a partir do diálogo da cultura e dos saberes adquiridos nas outras disciplinas com a mensagem e os valores cristãos enraizados na tradição cultural portuguesa.”²⁷

Enquanto a catequese assume o pressuposto da fé, porque o objetivo é a construção da comunidade eclesial e da identidade cristã, a EMRC, ainda que contribua para o aprofundamento da fé dos alunos cristãos, tem como finalidade trabalhar a dimensão religiosa do ser humano.

“A EMRC não se pode confundir com o ensino de uma religião: a religião católica, mas é o ensino feito a partir de uma religião concreta. É que a dimensão da religiosidade tem que ser sempre reflectida e proposta a partir de modelos concretos, uma vez que não existe a religião no abstracto, mas sim as diversas religiões e movimentos religiosos.

A EMRC deve ajudar os alunos no sentido de uma concretização e explicitação da dimensão religiosa específica do ser humano, mas não pode pedir como ponto de partida a fé, nem exigir, da parte dos alunos, respostas ditadas pela fé.

O que a EMRC propõe é ajudar os alunos a fazer o percurso do seu crescimento e da sua formação pessoal. Para isso promove-se o conhecimento e o encontro com o conteúdo da fé cristã católica, respeitando, no entanto, quer o processo educativo específico da escola, quer as suas consciências e liberdade.”²⁸

²⁶ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 18.

²⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *EMRC – Um valioso contributo*, nº8.

²⁸ AMBROSIO, J., “As religiões na escola”, in *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões* (2002) 63.

A partir da chave hermenêutica do cristianismo a EMRC, área curricular de natureza confessional, tem como finalidade última fazer com que os alunos compreendam a perspectiva cristã da vida, isto é, a totalidade da realidade como campo do agir humano.

“A tarefa de discernimento da cultura, assim como a missão de interpretar criticamente determinado contexto cultural implicam irrecusavelmente a referência a um conteúdo de fé, que deve ser assumido como básico e fundamento de toda a intervenção e, por isso mesmo, nunca pode ser relativizado em função dos sujeitos ou dos contextos culturais.”²⁹

Na disciplina de EMRC é fundamental a interpretação que a mesma permite fazer da realidade, a partir de uma perspectiva ético-moral. É algo intrínseco à sua identidade. Sob a chave de leitura cristã é possível ao discente compreender a esperança como força transformadora do presente que assegura um futuro. “O real é compreendido como campo do agir humano, livre e responsável, orientado por princípios e valores ético-morais”³⁰. Contudo, este mundo ético é enquadrado numa visão religiosa da vida, e não apenas numa orientação ética que fundamenta os princípios e os valores de forma exclusivamente antropológica.³¹

Ao permitir uma leitura cristã da vida, a EMRC possibilita a cada aluno olhar o real como lugar da esperança. Não uma simples esperança, mas uma esperança que se projeta no futuro, uma vez que a pessoa que espera procura fundamentar e dar razões dessa esperança. Para a EMRC é fundamental a aprendizagem de uma vivência da esperança que transmita paz e segurança no quotidiano, contribuindo, assim, para um caminhar seguro, sem medo, rumo a um horizonte futuro.

Esta finalidade é sublinhada pela Conferência Episcopal Portuguesa ao referir que a EMRC “proporciona aos educandos perspectivas e dimensões que os ajudem a interpretar a sua existência no mundo e a construir o seu projeto de vida”³². Constituem fundamentalmente um referencial de leitura que permite a interpretação do mundo e da existência humana a partir da dimensão religiosa.

A EMRC visa possibilitar ao aluno um referencial de leitura mais profundo da realidade e da existência humana. Neste quadro inclui-se, inevitavelmente, o tema da esperança humana, um dos alvos fundamentais de reflexão da EMRC. Sendo um aspeto incontornável na construção do projeto de vida, a EMRC admite a abordagem da esperança

²⁹ DUQUE, J., “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea”, in *Pastoral Catequética* 5 (2006) 35.

³⁰ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 19.

³¹ Cf. *Ibidem*.

³² CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, “EMRC – Um valioso contributo”, nº10.

como um exercício pedagógico, até porque a esperança é ela própria pedagogia de vida que ajuda cada homem e cada mulher na sua realização enquanto pessoa, em qualquer parte do mundo, independentemente do credo que professem.

Neste sentido é fundamental aprender a dialogar com as diferentes áreas do saber, e com as diferentes religiões. Por isso a EMRC quer proporcionar aos educandos o assumir de atitudes e posturas dialogantes com as várias religiões. Não se deve por isso confundir a EMRC com o ensino da religião católica. O facto do qualificativo católico da disciplina reside na especificidade do caminho a percorrer passar por uma religião concreta. O mesmo é dizer, a religião concretiza-se em religiões, isto é, “na verdade não existe a religião sem mais, o que existem são religiões e experiências religiosas concretas. A dimensão religiosa tem sempre de ser trabalhada a partir de uma experiência concreta. Não pode ser entendida e assumida sem ser a partir de uma chave de leitura precisa.”³³

A identidade, especificidade e finalidade da EMRC concretiza-se no proporcionar aos alunos a “concretização e explicitação da dimensão religiosa específica do ser humano, não podendo, no entanto, exigir, da parte destes, respostas ditadas pela fé católica”³⁴.

Na sua missão a EMRC propõe-se assim a ajudar os educandos a fazer o seu percurso pessoal de crescimento e de formação, promovendo o conhecimento e o encontro com a experiência e a vivência da fé cristã católica, “respeitando quer o processo educativo específico da escola, quer a consciência e liberdade dos alunos”³⁵.

Nunca como hoje, em tempos de grandes crises e convulsões económicas, financeiras e, sobretudo éticas, de valores e princípios, foi tão fundamental e necessário o contributo do ERE na Europa e, concretamente da EMRC, na formação integral das crianças e jovens da sociedade portuguesa.

“A forma da fé cristã poderá ser hoje uma interpretação antropológica e sociologicamente fundamental, numa cultura que se questiona a si mesma sobre os caminhos da personalização, frente a uma dissolução progressiva da pessoa concreta na massa anónima.”³⁶

A EMRC “deve orientar-se para formar personalidades ricas de interioridade, dotadas de força moral e abertas aos valores da justiça, da solidariedade e da paz, capazes de usar bem a

³³ AMBROSIO, J., “A educação moral e religiosa católica na escola pública”, in *Comunnio* 5 (2001) 449.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ DUQUE, J. “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea”, in *Pastoral Catequética* 5 (2006) 36-37.

própria liberdade”.³⁷ Constitui, de facto, uma ótima oportunidade de colaboração na construção de uma sociedade mais justa e mais humana, enquanto porta que abre à dignidade e à esperança.

Trata-se de uma disciplina juridicamente regulada que, no seio do currículo escolar, possibilita a obtenção de respostas sobre o sentido da realidade, da vida. Enquanto contributo para a formação dos jovens, a EMRC torna-os conscientes e responsáveis, livres para as suas opções pessoais e morais, dando-lhes capacidade para assumir os princípios morais, preparando-os para abraçar compromissos na sociedade, num horizonte de esperança.

A disciplina de EMRC é, na sua identidade fundamental, um valioso contributo para que o aluno desenvolva capacidades construtivas, pensamentos próprios, capazes de sentir e de pensar, libertando-se para o processo de maturidade e autonomia que vise a construção de uma realização pessoal e social, baseada num leque que vai desde o respeito igual pelas particularidades dos outros, como pelas suas próprias opções religiosas. Ao mesmo tempo visa dotar o aluno de uma visão equilibrada, humana e cristã que abra à esperança, no sentido de uma procura constante de respostas às situações de ausência de justiça e dignidade, e assentes numa atitude e numa postura ativa na sociedade.

Considerando a componente religiosa e espiritual como base sólida para a formação pessoal e social, a EMRC contribui para o crescimento na liberdade responsável, no amor, na caridade, na solidariedade da vida comunitária, na esperança.

Os princípios e os valores ético-morais da vida não podem ser vistos e fundamentados de forma exclusivamente antropológica, mas enquadrando-os numa visão religiosa.

A este propósito é de evidenciar a *Declaração de Toledo*³⁸, publicada em 2008 pelo Gabinete para as Instituições Democráticas e Direitos Humanos (ODIHR: *Office for Democratic Institutions and Human Rights*) da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), que estabelece e fundamenta princípios orientadores para o ensino religioso nas escolas públicas.

Este documento surge numa altura em que eram cada vez maiores os fluxos migratórios na Europa. Tal facto trouxe consigo um aumento de equívocos persistentes sobre religiões e culturas, trazendo à ordem do dia uma cada vez maior a importância de questões relacionadas com a tolerância e a não-discriminação, e a liberdade de religião ou crença. Para a OSCE este facto é preocupante. Na região da OSCE, e em muitas outras partes do mundo, tornava-se por

³⁷ NUNES, T., “Sobre as finalidades de Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Pastoral Catequética* 5 (2006) 78.

³⁸ GABINETE PARA AS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS E DIREITOS HUMANOS (ODIHR: Office for Democratic Institutions and Human Rights), *Declaração de Toledo*, Organização para a Segurança e Cooperação na Europa, 2008, [URL] <http://www.osce.org/es/odihr/29155>, 15-02-2014.

demais evidente a necessidade de uma melhor compreensão da religião e crenças. Mal-entendidos, estereótipos negativos e imagens provocativas que são usados para representar os outros têm provocado situações de antagonismo exacerbado, e às vezes até violência.

Para o ODIHR é importante que os jovens tenham uma melhor compreensão das religiões do mundo plural de hoje. Uma compreensão mais profunda da religião leva a uma maior tolerância e respeito. Por isso preparou um documento com Princípios Orientadores sobre o Ensino religião nas escolas públicas (que podem também ser aplicado às privadas), fornecendo assim um guia prático para desenvolver currículos para o ensino da religião bem como as regras sobre como eles poderiam ser implementados. Para além de ser um ótimo subsídio ao Ensino Religioso Escolar, é também um grande contributo para a construção de uma sociedade com mais equidade, justiça e esperança.

Nesta base que norteia também o nosso programa curricular da EMRC, o presente relatório dirige de seguida a atenção para o papel que a EMRC tem na construção de uma sociedade de esperança, centrando esta reflexão pedagógica nalgumas questões que surgiram na prática de ensino supervisionado, no âmbito da lecionação da unidade letiva 1 do sexto ano, na turma “A” no colégio salesiano Oficinas de S. José, em Lisboa.

1.3. O desafio da esperança na unidade letiva

1.3.1. O contexto da PES

A Prática de Ensino Supervisionada decorreu no colégio salesiano Oficinas de São José, em Lisboa, no ano-letivo 2011-2012.



OFICINAS DE S. JOSÉ – Associação Educativa³⁹

As “Oficinas de S. José – Associação Educativa” são um estabelecimento de ensino particular, propriedade da Província Portuguesa da Sociedade Salesiana.

Situado na Praça S. João Bosco, em Lisboa, as Oficinas de S. José são hoje um estabelecimento de ensino que ministra o ensino básico e secundário a cerca de 2 mil alunos de ambos os sexos, do 1º ao 12º ano. Como colégio, começou a funcionar em inícios dos anos 70 do século passado. Anteriormente era uma escola de artes e ofícios; daí o nome de Oficinas de S. José, que ainda conserva na designação atual: “Oficinas de S. José – Associação Educativa”.

³⁹ FUNDAÇÃO SALESIANOS [URL]

<http://www.lisboa.salesianos.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=53&Itemid=57>, 15-01-2014.

A partir das suas raízes históricas e da opção salesiana que desde o início procura conjugar vários ambientes (centro juvenil, escola, paróquia) podemos contar com uma presença capaz de oferecer um leque muito diversificado de percursos educativos.

A proposta pedagógica é inspirada no espírito e nas obras educativas promovidas por S. João Bosco a favor dos jovens mais pobres e abandonados da sociedade.

Destaco algumas das várias valências, constituintes das múltiplas ofertas curriculares e extracurriculares do colégio:

- Departamento de Psicopedagogia e de Necessidades Educativas;
- Desportivo Domingos Sávio: Associação para a prática do futebol;
- Artisport, atividades extra curriculares: da área artística à desportiva, da manutenção e formação de adultos às novas tecnologias;
- Pastoral Juvenil, com atividades destinadas aos alunos, divididos por idades, entre elas o *Bom Dia*, atividade semanal para todos os alunos do colégio;
- Projeto SolSal, tem como objetivo acompanhar e orientar crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade, e educar para uma participação social ativa, responsável e solidária dos jovens.

Para realização da PES foi escolhida a turma “A” do sexto ano. No ano letivo de 2011-2012 esta turma era constituída por 29 alunos, dezasseis rapazes e treze raparigas, todos com onze anos de idade. Residiam todos no concelho de Lisboa e moravam quase todos, com pai mãe e irmãos. A escolaridade dos pais oscilava entre o ensino secundário e o ensino superior.

Em termos de expectativas escolares, os alunos pretendem prosseguir estudos superiores. São alunos pertencentes, na generalidade, a agregados familiares de classe alta e média-alta, daí que as suas expetativas de vida sejam as melhores.

Eram alunos interessados e motivados, sempre com imensa vontade de participar na aula. Não foi necessário grande esforço para motivar a sua participação oral, ou realização de atividades quer na aula quer em casa. Naturalmente que havia alunos com mais facilidade de participação oral espontânea, e outros em que era necessário solicitar a sua participação. Foi ainda necessário estar atento a alguns alunos que revelavam algumas dificuldades de aprendizagem e com um ritmo mais lento na execução das tarefas. Por outro lado, foi também necessário controlar a participação de alguns alunos sempre prontos a participar, para que dessem espaço à participação de toda a turma.

Na turma não existiam alunos com necessidades educativas especiais, e por isso com necessidade de apoio pedagógico personalizado ou currículo específico individual. Na generalidade eram alunos bem organizados e muito empenhados. Tinham facilidade em

trabalhar quer individualmente, quer em grupo. Uma reduzida percentagem de alunos tinha alguma falta de concentração nas aulas, com tendência para a conversa. No geral os alunos revelaram ter hábitos e de métodos de trabalho.

Em termos globais revelaram um bom grau de conhecimentos culturais e religiosos, facto que enriqueceu as aulas de EMRC, permitindo um maior aprofundamento das temáticas. Há ainda a salientar o facto de uma das alunas que constituía a turma ser judia, facto que não constituiu qualquer dificuldade para o docente estagiário, mas antes enriqueceu ainda mais a turma e a aula.

1.3.2. Da lecionação à temática de reflexão

No contexto da PES foram elaboradas, sob a orientação da docente cooperante Ângela Lemos, as planificações, preparação e lecionação das unidades letivas 1 e 2 do programa oficial de EMRC do 6ºano, na turma 6º A⁴⁰ do colégio salesiano Oficinas de São José. Todo o trabalho desenvolvido tornou-se numa verdadeira fonte de descoberta pedagógica.

Na gestão do programa e na planificação das aulas procurei recorrer a diferentes estratégias e dinâmicas múltiplas e diversas de modo a ajudar os alunos não só na aquisição de saberes, competências e valores, mas também com o objetivo de enriquecer ou colmatar falhas e deficiências do próprio programa. Na definição das estratégias foi tida em consideração quer a especificidade da turma, quer da escola.

Foi neste contexto de lecionação da unidade letiva 1 à turma “A” do 6ºano que surgiram algumas questões importantes, de cuja análise resultou a proposta para a temática em reflexão no presente relatório final da PES: *O desafio da esperança, Fundamentos e práticas pedagógicas concernentes à unidade letiva 1 do 6º ano de Educação Moral e Religiosa Católica.*

Numa análise ao processo educativo desenvolvido durante o período da PES, foi tido em conta que as estratégias utilizadas permitissem o envolvimento e motivação dos alunos. Por isso a gestão do programa e a planificação exigiu o recurso a diferentes estratégias e dinâmicas múltiplas e diversas, de modo a possibilitar aos alunos a melhor aquisição de saberes, competências e valores.

⁴⁰ Referente ao ano letivo 2011-2012.

O estudo da unidade letiva 1 – *A pessoa humana* – tem no horizonte a abordagem, compreensão e consciencialização da importância fundamental da dignidade humana, como veículo de felicidade e realização. Depois da abordagem ao significado do conceito “dignidade”, as estratégias de aprendizagem adotadas permitiram aos alunos perceber o que é viver e ser tratado com dignidade.

Assim, após ter sido trabalhado o significado do direito à dignidade (o direito a viver com dignidade), procurou desenvolver-se estratégias de aprendizagem que possibilitassem aos discentes a aquisição de competências para, no dia-a-dia, adotar uma postura ativa na defesa e promoção da dignidade humana.

Neste sentido, uma das aulas⁴¹ permitiu que os alunos se debruçassem sobre o tema dos atentados aos direitos e à dignidade da vida das crianças. Refletir a real e grave situação em que vivem muitas crianças no mundo, percebendo que esperança as anima e encoraja, para no final concluir sobre que papel poderá ter cada homem e cada mulher, comunitária ou individualmente, na busca de soluções para esta dura e cruel realidade, foi o objetivo central da aula. Para isso foram propostas algumas atividades aos alunos que levassem à mobilização dos valores da dignidade, cooperação, justiça e solidariedade em ordem a orientar o seu comportamento e agir quotidiano.

Na sequência da leitura e análise, nas aulas anteriores, de alguns textos sobre os direitos das crianças, foi proposto também o visionamento de dois pequenos vídeos sobre duas situações reais de extrema pobreza e atentados à dignidade humana em que vivem muitas crianças no mundo. No final foram realizados trabalhos de grupo. Esta atividade seria o ponto alto da abordagem e reflexão temática, visando que os alunos apresentassem agora propostas de ação e atitudes concretas a ter no dia-a-dia, individual ou coletivamente, e ainda sugestões de atitudes e iniciativas destinadas quer à sociedade em geral, quer aos responsáveis governativos.

Assim, cada grupo assumiu o papel de uma equipa de membros da assembleia da Organização das Nações Unidas, com a missão de refletir e apontar propostas de soluções concretas para estes e outros problemas que afetam milhões de crianças, diariamente, em todo o mundo. Depois dos trabalhos de discussão e elaboração de propostas em grupo, seguiu-se o plenário. Contudo, apesar do positivo desenvolvimento dos trabalhos em grupo, os resultados apresentados ficaram muito aquém do esperado. Tal facto motivou-me a refletir nas razões que poderiam estar na sua origem. A observação das propostas resultantes dos trabalhos de grupo permitiu concluir que a reflexão e as ideias apresentadas vão de encontro àquilo que é o

⁴¹ Consultar Portefólio, planificação de aula “Lição nº8”, página 57, em CD anexo a este relatório.

contexto sócio-económico-familiar em que vivem. Tal contexto condiciona o conceito de esperança que cada um destes alunos tem, e que coloca no outro.

“A questão da esperança está relacionada com o problema dos sujeitos humanos, os quais esperam coisas contraditórias, conforme a condição em que se encontram”⁴².

De facto, na globalidade os alunos são de famílias de classe média e alta. Para estes alunos os vídeos que viram e as reflexões que realizaram são acerca de uma realidade que não pertence ao seu mundo. São uma realidade que não vivem nem sabem sentir. Os problemas do seu dia-a-dia não têm nada a ver, e as suas motivações e esperanças são muito diferentes. Não se debatem com problemas de acesso à saúde ou à educação, com fome ou subnutrição, têm um família que cuida deles, uma casa confortável,... não imaginam como é o viver em situações como as que viram, e por isso estão longe de tomarem verdadeira consciência de tão dura e indigna realidade.

Quando mostramos a estes alunos que a esperança de tantas pessoas é sustentada na alegria de ter um prato de sopa, ou um emprego, uma família, uma visita, uma palavra amiga, um cuidado de saúde, ou apenas o carinho de uma mãe, apercebemo-nos que eles não entendem. Entristecem-se ao dar-se conta da miséria em que nascem, crescem e vivem tantas crianças, questionam as condições em que vivem, os porquês. Mas no que toca à esperança que sustentam é outro patamar. É difícil reconhecer a esperança naquelas crianças, nalguns casos com semblante carregado, mas noutros com rostos sorridentes a contrastar com os farrapos que vestem, com os pés descalços, ou com um punhado de farinha de mandioca cozida que é a única refeição do dia.

Apesar de viverem numa grande cidade, capital do país, onde é possível encontrar muitas situações de pobreza, esta é ainda uma realidade distante para estes alunos. É uma realidade com a qual não têm proximidade, é algo que “existe na televisão” e que se vê sobretudo na altura do Natal, quando os *media* falam dos sem-abrigo, das múltiplas campanhas de solidariedade e da entrega de cabazes às famílias carenciadas. A esperança da cultura em que cresceram e vivem não é a esperança de tantos e tantos povos, de tantas e tantas crianças. A sua compreensão do verdadeiro sentido da esperança fica muito aquém do fundamental. É necessário mergulhar na história daqueles que experimentam os limites da dignidade da vida humana.

Apesar da participação nas campanhas de solidariedade da SolSal (projeto de solidariedade escolar das Oficinas de S. José) revela-se ainda grande o caminho a percorrer em termos da

⁴² RUGGIERI, G., “Esperanças e desencanto da cultura contemporânea”, in FACULDADE DE TEOLOGIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA DE LISBOA (Org.), *As razões da nossa esperança, Semana de Estudos Teológicos*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1998, 30.

consciência real e profunda da realidade em que vivem muitas pessoas e crianças como eles, na mesma cidade e no mesmo país.

Vivendo numa cidade onde são enormes e visíveis o fosso e as divisões entre diferentes classes sociais, seria fundamental para os alunos do colégio Oficinas de São José uma proposta pedagógica que passe pelo compromisso com a esperança.

A esperança da humanidade é um desafio a entender e aprender para estes alunos, tanto quanto para aqueles que fazem dela refúgio e alento diário de vida. A esperança cristã aponta horizontes de vida nova, renovada, dá sentido aos acontecimentos e ao caminho. Perante os limites e incertezas, sentidos por cada ser humano, a esperança permite superar o medo, ter coragem e não desanimar.⁴³

Por isso, a abordagem da temática da dignidade e da esperança tem que ter outros contornos, exigindo a abordagem de outros conteúdos, outras estratégias pedagógicas, outra planificação, enfim, um enriquecimento ou reestruturação da unidade letiva 1. Um novo desafio surge agora pela frente, a merecer uma importante e fundamental atenção e reflexão.

1.3.3. O núcleo temático: dignidade humana e esperança

O novo e importante desafio emergente da lecionação realizada na unidade letiva 1, cuja atenção se centrou na questão da dignidade da pessoa humana, leva-nos à questão fundamental da esperança humana.

É desejável que esta questão fique bem explícita na unidade letiva 1, de modo a preparar e a fazer uma ligação perfeita com a unidade letiva seguinte, que versa sobre o Advento e Natal, onde a esperança é assunto incontornável.

É, pois, fundamental que a abordagem pedagógica possibilite aos alunos fazer a experiência da esperança, transpondo para as suas vidas o desejável caminhar, ativo, na esperança.

A contínua e premente esperança numa sociedade mais justa e fraterna encontra eco já no anúncio profético de Isaías, que os alunos irão abordar na unidade letiva 2. É essencial perceber que a verdadeira esperança não se pode sustentar em meros desejos materiais e na

⁴³ Cf. BORGES DE PINHO, J. E., “Não tenhais medo”, in SANTUÁRIO DE FÁTIMA (Org.), *Não tenhais medo, Itinerário temático do centenário das aparições de Fátima 2012-2013*, Santuário de Fátima, Fátima, 2012, 13-16.

espera passiva de um futuro melhor, muitas vezes assim expressos nas habituais trocas de desejos de Natal e fim/início de ano.

É portanto fundamental que os alunos tomem verdadeira consciência do que é a esperança humana, das bases que a fazem existir. Só assim compreenderão também que sentido tem a vida para quem celebra o Natal envolto pela precariedade das condições da sua vida. A pobreza, o desemprego, a fome, a solidão, a ausência de carinho, o abandono e muitas outras situações fazem mais facilmente emergir a tristeza, o desalento, o desespero. É um facto, mas os simples lamentos não bastam para o mudar.

Toda a experiência pedagógica tem que se desenrolar no sentido do compromisso com a esperança, que se há de traduzir e concretizar numa “atitude pessoal e uma capacidade de ajudar os outros no sentido de um olhar diferente sobre a realidade, um olhar sem otimismo fáceis, mas também sem pessimismos destruidores, antes atravessado por uma esperança realista, ativa, interpeladora”⁴⁴.

Esta atitude pessoal, que não se realiza apenas ao nível individual mas também coletivo, há de sublinhar a verdade da esperança cristã que aponta horizontes de vida nova e por isso não se pode limitar a pequenos gestos e atos isolados de caridade, ainda que estes sejam muito positivos e demonstrem uma antropologia da dádiva. De facto, o dinamismo comercial natalício acaba também por ter este lado positivo. Aliás, são cada vez mais as cadeias de lojas/hipermercados que assumem a sua responsabilidade social, associando-se e/ou promovendo ações e gestos de solidariedade na época natalícia. Não que as esperanças humanas se preencham apenas com um cabaz às famílias carenciadas, mas, na verdade, as dádivas resultantes das campanhas televisivas e radiofónicas têm um resultado muito positivo na promoção dos sentimentos de partilha e responsabilidade social. Elas contribuem para a tomada de consciência do necessário papel ativo, individual e comunitário, em prol da esperança humana.

No colégio Oficinas de São José, onde se realizou a PES, decorre todos os anos na época de advento/natal uma campanha de recolha de alimentos e bens higiénicos, e organizam-se equipas de voluntários para a campanha do Banco Alimentar. São iniciativas de singular e nobre importância que contribuem para a educação dos alunos para a justiça, fraternidade e generosidade. Capacitam os alunos a tornarem-se cidadãos ativos, portadores de esperança. Salientam a importância das atitudes concretas, de um agir em prol de quem mais precisa, sublinhando a responsabilidade, de todos e de cada um, na construção de uma sociedade mais justa e equitativa, na luta contra o desalento.

⁴⁴ BORGES DE PINHO, J. E., “Não tenhais medo”, 23.

Verifica-se, no entanto, que a par de tantas outras que surgem nesta altura, são iniciativas pontuais, que não têm continuidade no resto do ano, que não têm impacto no comportamento e no agir individual, familiar, comunitário no dia-a-dia, não contribuem para a mudança efetiva de atitudes e para a consciencialização da responsabilidade na construção de uma sociedade de esperança.

Faz falta uma reflexão sobre a esperança humana, em especial sobre a esperança cristã. No estudo da unidade letiva 1, sobre a Pessoa Humana, não basta abordar a dignidade da pessoa ou, especificamente, das crianças. Não basta olhar os atentados aos direitos e à dignidade da vida das crianças. Revela-se fundamental uma ligação à esperança, introduzindo conteúdos que facilitem a compreensão da antropologia e da psicologia da esperança.

O trabalho realizado nas aulas, no contexto da PES, conforme foi referido no ponto anterior (1.3.2.), permitiu diagnosticar este défice. Foi claro que os alunos, com a realização dos trabalhos de grupo que visavam refletir e apontar propostas de soluções concretas para problemas que afetam a dignidade e a esperança de milhões de crianças em todo o mundo, não alcançaram as metas desejadas. Praticamente todas as soluções propostas não vão além de práticas pontuais e isoladas de atos de caridade. O conceito de esperança parece resumir-se a isto, tal como a experiência pedagógica que lhe é oferecida.

Olhando as dinâmicas e iniciativas solidárias do colégio Oficinas de São José, percebemos que se resumem a ser iniciativas caritativas pontuais. Seria muito mais proveitoso e fundamental que traduzissem na prática da dádiva, um aspeto muito importante no contexto educativo de crianças e jovens.

Marcel Mauss, sociólogo e antropólogo francês, minimiza a importância das relações de pura dádiva no capitalismo, eximindo-se de uma análise de momentos como o do Natal, o das festas e das relações de hospitalidade na moderna civilização ocidental.⁴⁵

“A dádiva de que fala Mauss não se confunde com a tradução que o senso comum faz do termo. No Brasil, por exemplo, ela é, sobretudo, identificada com as ideias católicas de caridade e de bênção. Embora caridade e bênção correspondam a certo tipo de dádiva, é importante desde logo assinalar que para Mauss o termo tem uma significação mais ampla. Para ele, a dádiva é uma lógica organizativa do social que tem carácter universalizante e que não pode ser reduzida a aspetos particulares como aqueles religiosos ou económicos.”⁴⁶

⁴⁵ Cf. MARTINS, Paulo H., “A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* 73 (2005), 45, [URL] <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/73/RCCS73-045-066-Paulo%20H.Martins.pdf>>, 15-04-2014.

⁴⁶ LANNA, M., “Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva”, in *Revista de Sociologia e Política* 14 (2000), 189, Universidade Federal do Paraná, [URL] <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a10n14.pdf>>, 15-04-2014.

Toda a experiência pedagógica tem que se desenrolar no sentido do compromisso ativo com a esperança. Ao longo dos vários anos de escolaridade as propostas pedagógicas em torno de um compromisso solidário/caritativo devem ter por objetivo o incutir a prática da dádiva no quotidiano comunitário. Não se devem resumir a atos isolados. Devem antes ir ao encontro da antropologia da dádiva sistematizada e defendida por Marcel Mauss, que com o seu ensaio sobre a dádiva nos quis ensinar que a felicidade humana não está em outra coisa que não no dar e receber, no respeito mútuo e na generosidade recíproca⁴⁷.

Este aspeto leva-nos a equacionar o que esperam e porque esperam, hoje, os homens e mulheres, as crianças, os jovens e os idosos. Há na sua esperança muitos elementos de ordem material, política e social, dos quais não se conseguem libertar.

Num mundo contemporâneo tão afetado por falsas esperanças e desesperanças, que esperança persegue a humanidade? E porque espera a humanidade? São duas questões que merecem ser aprofundadas, e que nos interpelam a refletir seriamente que esperança quer o mundo transmitir e capacitar às novas gerações.

Há que nutrir a ação educativa de uma antropologia da esperança. Aderir e participar numa campanha de solidariedade deve ser resultado do compromisso com a esperança. Tal pressuposto não é inflexível, pois a participação e o envolvimento em atividades de voluntariado, solidariedade e fraternidade contribuirá sempre positivamente para uma educação para a alteridade. No entanto, poderá ser insuficiente, ou acabar por ser apenas um agir pontual, um ato isolado. O compromisso com a esperança comporta um compromisso em criar condições e dinâmicas de esperanças para os outros. Só assim acontecerá a necessária mudança efetiva de atitudes, a criação de uma consciência cívica de responsabilidade na construção de uma sociedade de esperança.

A abordagem realizada às temáticas propostas na planificação da disciplina de EMRC do 6º ano deve visar alcançar as metas curriculares necessárias que capacitem os alunos a ter, futuramente, um papel ativo e interventivo na dinamização da esperança, na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.


A chave de leitura católica dos problemas do mundo fornece a cada aluno um conjunto de ferramentas, valores e princípios, que lhes permite olhar o mundo com outros olhos. A perspetiva e os valores éticos e humanistas do cristianismo presentes na abordagem à temática da dignidade humana (unidade letiva 1) permitem aos alunos adquirir conhecimentos e desenvolver capacidades que serão uma mais-valia na construção da sua personalidade, na construção das suas teias de relacionamentos, na edificação da comunidade humana.

⁴⁷ Cf. LANNA, M., “Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva”, 192.

Repensar a planificação curricular desta unidade letiva é fundamental. Impõe-se refletir e elaborar um conjunto de estratégias de aprendizagem que direcione para a esperança cristã, “poderoso recurso ao serviço de uma verdadeira humanidade que encoraja a razão e dá-lhe força para orientar a vontade. Dela nutre a caridade e, ao mesmo tempo, manifesta-a”⁴⁸.

Antes, contudo, é necessário refletir e aprofundar a questão da esperança no mundo contemporâneo, bem como a esperança cristã e os desafios e caminhos que a mesma apresenta. Esta reflexão abre um novo capítulo neste relatório final da PES, permitindo responder às múltiplas questões que até aqui foram surgindo, abrindo espaço a outras, e rasgando novos horizontes que iluminarão a apresentação de algumas sugestões que enriquecerão a proposta curricular da unidade letiva 1 no capítulo final.

⁴⁸ Cf. BORGES DE PINHO, J. E., “Não tenhais medo”, 23-24.



2. A esperança como horizonte e guia do caminho: o contributo da encíclica *Spe Salvi*



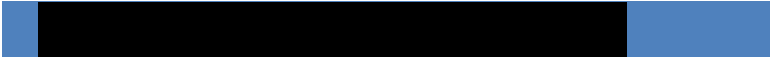
2.1. A esperança na cultura contemporânea

Na sua etimologia latina, esperança vem de *spes* e *sperare*, que significa uma espera aberta, que não assenta em resultados externos (como a expectativa), mas sobre a realização da pessoa (uma mudança radical da condição humana). Assim, a esperança é uma tendência para um bem futuro e possível. A esperança é uma energia interna, que cresce a cada momento e que nos torna capazes de derrubar muros e obstáculos que considerávamos intransponíveis.

A esperança projeta-se no futuro, uma vez que a pessoa que espera procura fundamentar e dar as razões dessa esperança e assume-se, conseqüentemente, não só como uma pessoa com um passado e um presente, mas, essencialmente, uma pessoa com um futuro. A vivência da esperança transmite paz e segurança ao dia de hoje e faz, assim, caminhar, sem medo, rumo a um horizonte futuro.

Neste segundo capítulo do relatório final da PES é apresentada uma reflexão, devidamente fundamentada, da esperança, enquanto horizonte e guia do caminho, tomando como ponto de partida a Carta Encíclica *Spe Salvi* do Papa Bento XVI.

Esta reflexão complementa a reflexão pedagógica, primeiro capítulo do presente relatório, e permitirá avançar em direção à proposta apresentada na terceira e última etapa.



2.1.1. Esperança(s) e desesperança(s) da sociedade contemporânea

Diz Balzac que “A esperança [...] seria a maior das forças humanas se o desespero não existisse”⁴⁹. Contudo, e sem querer dar demasiada importância ao desespero, a humanidade

⁴⁹ LEANDRO, Maria E., “A esperança no mundo de hoje”, in *Brotéria*, 161 (2005), 23

continua a acreditar que “a esperança é a última coisa a morrer”, relativizando assim este pensamento de Balzac.

A esperança é, pois, “*um sentimento que faz antever como provável a realização do que se deseja* (*Dictionnaire Grand Robert*). Daí que implique segurança, confiança, convicção, crença e expectativa. Quando tal não acontece, normalmente aparece a desilusão, a dúvida, o desânimo e o desespero.”⁵⁰ Ao fazer esta análise a autora ilustra o seu pensamento com a cena dos dois discípulos de Emaús, do Evangelho de S. Lucas.

Duas pessoas confusas, amedrontadas, perturbadas, desiludidas e destroçadas pela contradição entre o que esperavam e a realidade que viram e observaram. Procuram agora entender algo que escapa à sua compreensão mais imediata. Caminham sem esperança, uma consequência da mudança de rumo dos acontecimentos em que tinham colocado toda a confiança, toda a esperança. O diálogo e a partilha da refeição com o “estrangeiro” que com eles se cruzou – o próprio Jesus – fê-los confrontar com a própria realidade, proporcionando-lhe uma abertura mental e afetiva que lhes permitiu deixar a desilusão e redobrar a esperança.

Partindo deste exemplo que demonstra uma clara dinâmica esperança-desilusão, podemos reportá-lo ao nosso tempo, à nossa sociedade europeia, olhando as transformações socioeconómicas, culturais e religiosas do último século. Olhamos então uma esperança mergulhada numa “modernidade inacabada que lhe tem dado um cariz mais material, pragmático, profano e imediato”⁵¹.

a) Uma cultura do efémero

Vivemos numa época de desencantamento racional, de profundas incertezas.

“As novas tecnologias e a nova economia que era suposto ser o melhor produto prometem grandes maravilhas. Por outro lado, tudo parece extraordinariamente frágil, à mercê dum novo conflito talvez nuclear ou biológico, de um ou outro acidente tecnológico maior (como o de Tchernobyl), dum *crash* financeiro, dum bloqueio dos sistemas informáticos do controlo da energia. [...] A pós-modernidade é assim uma modernidade inquieta marcada pela crise da transmissão de saberes, de valores ou de artes de viver”⁵².

⁵⁰ *Ibidem*

⁵¹ *Ibidem*

⁵² SOULETIE, Jean-Louis, “L’espérance chrétienne dans les sociétés postmodernes”, in *Nouvelle Revue Théologique*, 131/3 (2009), 588

Vivemos numa época de grande instabilidade racional e emocional. O ritmo vertiginoso em que vive a sociedade ocidental tornou as próprias pessoas presas do seu próprio ritmo, do instantâneo, do efémero, das necessidades de satisfação imediatas. O *hic et nunc* parece ser a regra única de uma filosofia de vida cada vez mais alicerçada no gozo e nas realizações imediatas, como se a vida se orientasse apenas pelo instantâneo e pelo efémero e fosse menos alicerçada numa esperança que projete para o além. Por isso é cada vez mais habitual encontrarmos pessoas insatisfeitas com a sua própria vida. Sem esperança vagueiam quotidianamente mergulhadas no medo, na solidão, na desesperança.

“Um dia um professor disse a uma criança que devia estar agradecida a seus pais por lhe terem dado a vida; ao que o rapaz respondera: mas não estou de modo algum agradecido por ter de viver – preferia muito mais não viver. Esta arrepiante afirmação, saída da boca duma criança do nosso tempo e que não é uma afirmação isolada, podia ser a definição da desesperança”⁵³.

Há de facto situações em que as pessoas perdem a esperança e demitem-se da vida. O desânimo é inerente à vida, como o sofrimento e a dor. Contudo, há limites que se lhe impõem, não é normal um desânimo generalizado na sociedade, ou um desânimo que apareça de modo frequente na vida de uma pessoa. Tal só pode resultar de uma vida assente numa esperança de raízes pouco profundas. O desespero e a desilusão são consequência e resultado óbvio da cultura do nosso tempo. Verificar o desencanto da vida numa criança é algo que nos deixa totalmente perplexos, e a pedir uma grande análise das razões que levam a tal afirmação e a tal sentir.

Ainda que dos agentes governamentais surjam constantemente mensagens e apelos a olhar o futuro com confiança, a cultura ocidental atual tem muitos sinais e razões de desesperança. Nas últimas duas décadas, sobretudo após a entrada de Portugal na Comunidade Económica Europeia, atualmente designada de União Europeia, a epidemia do ilusório transformou a vida de todos. O consumo passou a ditar os objetivos de vida de cada cidadão. Era fácil obter dinheiro para tudo. Obter um empréstimo era a coisa mais fácil e ainda recebiam ofertas. Generalizou-se a ideia que todos poderiam ter tudo. Ao empréstimo para a compra de uma casa o banco sugeria e adicionava um empréstimo para a compra de um carro, ou do recheio da casa, ou de uma viagem de férias. Era tudo tão fácil. Finalmente Portugal parecia ser um país desenvolvido.

⁵³ RATZINGER, J., “A Esperança”, in *Communio*, 5 (1985), 453.

“Instalou-se, portanto, sob o efeito conjugado do modernismo e do consumo de massa, uma cultura centrada na realização do eu, na espontaneidade e na fruição: o hedonismo torna-se o *princípio axial* da cultura moderna”⁵⁴.

O hedonismo, por um lado, o consumo por outro, é o que marca esta sociedade. Ao mesmo tempo este estilo de vida *feliz* começou a ser marcado pela fuga ao sofrimento, à dor, à morte.⁵⁵ Esconder a morte, esconder o sofrimento, contornar os obstáculos, em vez de encarar as realidades de frente.

Ao invés de olhar de frente as realidades, sem fugas para o ilusório, a sociedade contemporânea preferiu seguir o modelo capitalista de desenvolvimento, com a sua contínua produção de necessidades, que procura colmatar a falta de esperança que a afeta. Preferiu defender e desenvolver esta cultura de consumo, que se revelou precisamente o instrumento de integração dos indivíduos no social, o meio de neutralizar a luta de classes e de abolir a perspectiva revolucionária.⁵⁶

“Se o consumo e o hedonismo permitiram resolver a radicalidade dos conflitos de classe, fizeram-no ao preço de uma generalização da crise subjetiva. A contradição nas nossas sociedades não resulta apenas do fosso entre a cultura e a economia, resulta do próprio processo de personalização, de um processo sistemático de atomização e de individualização narcísica: quanto mais a sociedade se humaniza, mais o sentimento do anonimato se estende; quanto mais há indulgência e tolerância, mais aumenta a falta de segurança do indivíduo em relação a si próprio; quanto mais se prolonga o tempo de vida, mais medo se tem de envelhecer; quanto menos se trabalha, menos se quer trabalhar; quanto mais os costumes se liberalizam, mais avança a impressão do vazio; quanto mais a comunicação e o diálogo se institucionalizam, mas só se sentem os indivíduos, e com maiores dificuldades de contacto; quanto mais cresce o bem-estar, mais a depressão triunfa.”⁵⁷

Enveredar pela lógica consumista do pronto a comprar, a vestir, a habitar, a ler, a explorar a utilizar e a deitar fora, significa canalizar a esperança para o imediatismo, para a procura exclusiva da felicidade nas coisas materiais enquanto tais. No momento em que estas deixam de corresponder às expectativas, arrisca-se a queda na desilusão e no vazio. Corre-se pois o risco de enveredar pela lógica consumista e hedonista, cujas consequências passam pela perda

⁵⁴ LIPOVETSKY, G., *A era do vazio*, Relógio D'Água, Lisboa, 1989, 80.

⁵⁵ Cf. *Ibidem*, 103.

⁵⁶ Cf. *Ibidem*, 119.

⁵⁷ *Ibidem*.

de *civitas*, pelo egocentrismo e indiferença pelo bem comum, a ausência de confiança no futuro e o desrespeito pela legitimidade das instituições.⁵⁸

Entra-se assim numa *bola de neve* de procura de satisfação, mais individual que coletiva, incapaz de preencher o vazio interior que não para de crescer e que só o amor pode preencher. Valorizando exclusivamente a busca de autorrealização, a sociedade do consumo corrompe o civismo, abala a coragem e a vontade e desincentiva qualquer razão de esperança. O resultado é pois uma instabilidade racional e emocional, mergulhada num mar de medos que persegue a vida a cada instante.

“O medo que está por trás dos medos é o medo da perda total do amor, o medo duma existência na qual o pequeno aborrecimento do dia-a-dia se tornou tudo; aborrecimento que já nenhuma outra coisa, nada de grande, de libertador, contrabalança”⁵⁹.

O desencanto da vida contribui para que, aos poucos, os medos vão crescendo, podendo tornar-se num grande medo, ou numa fobia: o medo de uma vida que já não se pode suportar, pois já não tem em si qualquer esperança. E, neste caso, a única esperança é a morte, o fim de todas as esperanças.

“Se o medo que está por trás dos medos é, no fim de contas, medo da perda do amor, então a esperança que está para além das esperanças é esperança de ser presenteado com o dom do grande amor.”⁶⁰ “Só a experiência de amor desperta as *maiores esperanças*”.⁶¹

b) O valor fundamental da esperança

A esperança é produto do agir humano. “Ela é levada à realização no laboratório da esperança pelo próprio homem. O que o homem não pode fazer por si próprio, é dela conscientemente eliminado.”⁶² Ao homem “não lhe basta o que faz e o que pode fazer”⁶³. O homem precisa da esperança. “A autêntica problemática antropológica da esperança consiste em que o homem necessita de algo que ultrapassa a sua capacidade.”⁶⁴ É por isso que, em situações desesperadas, a esperança aparece como a única fonte de salvação, levando as pessoas a olhar em frente e a procurar novas formas de resolverem as dificuldades, sobretudo quando são

⁵⁸ Cf. *Ibidem*.

⁵⁹ RATZINGER, J., “A Esperança”, 453.

⁶⁰ *Ibidem*

⁶¹ *Ibidem*, 454.

⁶² *Ibidem*, 454-455.

⁶³ Cf. *Ibidem*, 455.

⁶⁴ *Ibidem*.

complicadas ou não encontram na ciência, na técnica e no desenvolvimento económico e social o remédio que procuram. É o caso de doenças algo desesperadas ou outras similares⁶⁵.

Se, perante situações desta natureza, muitas pessoas não conseguem ceder à tentação do desespero e da desilusão, como evidenciam o aumento dos suicídios, dos sem-abrigo, o refúgio na droga e noutros paliativos e subterfúgios, outras continuam a alimentar a esperança de que melhores dias virão, invocando até a proteção divina, de Nossa Senhora e dos santos, perspetivando, assim, melhoras na saúde ou na vida familiar, novas oportunidade de emprego.⁶⁶

Com a crise económica em que todos mergulhámos, cresceu o número de pessoas que vivem no limiar da pobreza e as que vivem sem o estritamente indispensável à sua sobrevivência, isto é, uma vida individual e familiar com o mínimo de dignidade. Segundo os indicadores da Rede Europeia Anti Pobreza, de Março de 2014, em 2012, 24.8% da população europeia era considerada como estando em risco de pobreza e/ou exclusão social. O valor registado para Portugal era de 25.3%. Também em 2012, 9.9% da população da UE foi considerada como estando em situação de privação material severa.⁶⁷ “Em Portugal, em 2013, 25.5% da população encontrava-se em situação de privação material, um valor bastante superior ao verificado em 2012 (21.8%).”⁶⁸

Para estas pessoas e famílias destroçadas é difícil ter esperança em melhores dias. Em vez disso, o desânimo e a falta de confiança toma conta das suas vidas. Por outro lado é evidente que, nestes momentos de crise, as desigualdades sociais tendem a acentuar-se: os ricos são cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. Neste contexto a esperança é valorizada de modo distinto de uns grupos sociais para os outros. Os ricos, os abastados e os bem colocados na vida colocam uma elevada esperança na realização das suas aspirações e projetos mais imediatos. Ao contrário, os pobres, embora alimentem a esperança de poderem vir a modificar a sua situação, nem sempre veem realizadas as suas expetativas. Há até os que vivem apenas resignados com a sorte de terem nascido no seio da pobreza, situação que não procuraram mas na qual parecem destinados a permanecer.

É por isso legítimo colocarmos a questão: Como transmitir uma mensagem de esperança que não se inscreva apenas na materialidade a pessoas que, sendo vítimas da discriminação social e privadas de bens essenciais para a sua sobrevivência humana e social, sentem mais razões e

⁶⁵ Cf. LEANDRO, Maria E., “A esperança no mundo de hoje”, 27.

⁶⁶ Cf. *Ibidem*, 30.

⁶⁷ Cf. REDE EUROPEIA ANTI-POBREZA, *Indicadores sobre Pobreza*, 2, http://www.eapn.pt/documentos_visualizar.php?ID=322, 24-06-2014.

⁶⁸ *Ibidem*, 21.

propensão para o desânimo e o desespero, ainda que possam dizer ter esperança em Deus e que um dia a sua situação poderá mudar?⁶⁹

Apesar de não nos quisermos deixar levar por fatalismos, esta é uma questão que permanece em aberto e, simultaneamente circunscrita por uma outra questão: Que razões de esperança transmitir à cultura atual?

Apesar de continuarmos a acreditar que com condições socioeconómicas e culturais propícias poderíamos dar a estas pessoas oportunidades para modificarem o rumo das suas vidas, a verdade é que cada indivíduo não pode deixar de questionar as suas próprias atitudes e comportamentos, a sua forma de organização social, e até que esperança transmitir no mundo em que vive.

“Para os bem instalados na vida ou mesmo bem remediados será que na abundância do bem-estar material que desfrutam há lugar para outras conceções de esperança que podem imprimir outra dinâmica à sociedade e torná-la mais justa, mais humana, mais solidária e mais aberta ao transcendente? É que a esperança não é apenas algo com que se espera e acredita alcançar determinados objetivos de maneira individualizada, mas é também algo que se partilha e que procura contagiar os nossos semelhantes na busca de outras significações.”⁷⁰

Esta é a grande questão que motivou a presente reflexão. Diagnosticámo-la no primeiro capítulo, na abordagem à prática pedagógica, da qual emergiu a necessidade de aprofundarmos a reflexão e o diagnóstico, na procura de respostas.

Transmitir a esperança implica assumir uma postura ativa na sociedade. Não raras as vezes o que se verifica na cultura dominante é uma atitude de passividade, as pessoas estão com um pé de cada lado, nem pactuam com fatalismos, mas também não fazem o suficiente para mudar o rumo da realidade. Na construção de uma cultura que transmite e partilha razões de esperança, cada indivíduo deve dar-se conta da sua capacidade e da sua cota parte de responsabilidade na construção de uma sociedade mais justa equitativa. Se a esperança não pode ser entendida como algo restrito ao campo pessoal de cada indivíduo e, portanto, que aponte para o objetivo a alcançar de modo individualizado, é pois legítimo perguntar: Será que a sociedade não está aquém do possível? Não será esta, inclusive, uma questão de mudança de atitudes e comportamentos, e portanto, de mentalidades?

⁶⁹ Cf. *Ibidem*, 31.

⁷⁰ *Ibidem*, 32.

2.1.2. Diagnóstico e respostas da *Spe Salvi*

a) A encíclica *Spe Salvi*: apresentação e contexto histórico

Tornada pública no dia 30 de novembro de 2007 a encíclica *Spe salvi*, do Papa Bento XVI, surge numa linha de continuidade com a primeira encíclica do seu pontificado, sobre a caridade - “Deus caritas est” - publicada em Dezembro de 2005.

Depois de na primeira encíclica ter tratado do presente da fé, nesta nova encíclica Bento XVI trata do futuro da fé: a esperança. Para isso parte de um texto da Carta de São Paulo aos Romanos (Rm 8, 24): “*Spe salvi facti sumus* / é na esperança que fomos salvos”.

Com um estilo didático e dialético, o Papa apresenta na encíclica *Spe Salvi* um pequeno tratado teológico sobre a esperança. A encíclica tem uma introdução, seis capítulos e uma conclusão, que é, na realidade, uma contemplação de Maria, estrela da esperança.

Esta encíclica enfrenta o tema da esperança, depois da crise e da queda das grandes utopias, das grandes narrativas prometeicas que, em nome de um paraíso nesta terra, tiraram ao homem a verdadeira esperança e alegria de viver. A fé no progresso como nova forma de esperança, a crença na onipotência da ciência, revelaram-se enormes falhanços, verdadeiros equívocos que obrigam a repor a esperança no seu justo lugar.

É pois, neste contexto de um mundo dominado pela descrença e a desconfiança não apenas no progresso e na ciência, mas também nas questões relacionadas com o transcendente, que Bento XVI apresenta esta sua reflexão teológica dedicada ao tema da esperança cristã. “O homem tem necessidade de Deus, de contrário fica privado de esperança”⁷¹, afirma. O Deus em que os cristãos acreditam apresenta-se como verdadeira esperança para o mundo contemporâneo porque lhe abre uma perspectiva de salvação. O Papa considera que só é possível viver e aceitar o presente se houver “uma esperança fidedigna” (Cf. SS, 1). “Deus é o fundamento da esperança, não um deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até ao fim: cada indivíduo e a humanidade no seu conjunto”. (SS, 31) Esta segunda encíclica de Bento XVI é para ser vista neste contexto, para confortar e encorajar aqueles que cada vez mais veem a esperança como um sinal dos tempos característicos do terceiro milénio.

⁷¹ Bento XVI, Carta Encíclica *Spe Salvi* – *Salvos na Esperança*, Paulus Editora, Lisboa, 2007, 23. A partir deste momento passo a referir-me à encíclica por SS.

b) A esperança no mundo contemporâneo: diagnóstico da *Spe Salvi*

Para compreender a esperança da cultura contemporânea é necessário recuar até à revolução francesa. A partir daqui, é possível traçar um caminho a partir do qual se entende a transformação da fé-esperança cristã em esperança/fé no progresso. É o que faz a encíclica *Spe Salvi* no seu diagnóstico à esperança no mundo contemporâneo.

É sobretudo a partir da revolução francesa que o progresso se apresenta como a “superação de todas as dependências” (Cf. SS, 18), passando a razão e a liberdade a ser os garantes de “uma nova comunidade humana perfeita” (Cf. SS, 18).

Esta ideia ganhou mais firmeza no século XIX, com a revolução do proletariado. “O século XIX não perdeu a sua fé no progresso como nova forma da esperança humana e continuou a considerar razão e liberdade como estrelas-guia a seguir no caminho da esperança” (SS, 20).

Sob a bandeira das ideias marxistas desenvolveram-se revoluções pela Europa, conduzindo o mundo por falsas esperanças, por caminhos de sofrimento, destruição e devastação.

“Marx esqueceu que o homem permanece sempre homem. Esqueceu o homem e a sua liberdade. Esqueceu que a liberdade permanece sempre liberdade, inclusive para o mal.

Pensava que, uma vez colocada em ordem a economia, tudo se arranjará. O seu verdadeiro erro é o materialismo: de facto, o homem não é só o produto de condições económicas nem se pode curá-lo apenas do exterior criando condições económicas favoráveis. O seu verdadeiro erro é o materialismo: de facto, o homem não é só o produto de condições económicas nem se pode curá-lo apenas do exterior criando condições económicas favoráveis” (SS, 21).

Na sua análise, Bento XVI, salienta a necessidade de uma autocrítica da idade moderna, na qual conflua também uma autocrítica do cristianismo moderno. Tal há-de permitir perceber que esperança(s) promete o progresso, pois este abre novas possibilidades para o bem. Contudo, o bem-estar moral do mundo não pode jamais ser garantido simplesmente mediante as estruturas, pois estas não podem impedir a liberdade do homem (Cf. SS, 24a). “Um progresso por adição só é possível no campo material. [...] Mas no âmbito da consciência ética e da decisão moral, não há tal possibilidade de adição, simplesmente porque a liberdade do homem é sempre nova” (SS, 24).

Devido a esta liberdade do homem não é possível promover um mundo melhor que dure para sempre. “A liberdade deve ser incessantemente conquistada para o bem” (SS, 24b). Por isso,

cada geração tem a missão de contribuir para o bem, para o uso da reta liberdade. “As boas estruturas ajudam, mas por si só não bastam” (SS, 25). Neste sentido a encíclica lembra o erro de Francisco Bacon “ao considerar que o homem teria sido redimido pela ciência” (Cf. SS, 25).

“Esta espécie de esperança é falaz. A ciência pode contribuir muito para a humanização do mundo e dos povos. Mas, pode também destruir o homem e o mundo, se não for orientada por forças que se encontram fora dela” (SS, 25).

Também o cristianismo moderno errou ao restringir o horizonte da sua esperança somente sobre o indivíduo e a sua salvação, não reconhecendo a grandeza da sua tarefa, apesar do seu desempenho na formação humana e no cuidado aos mais fracos e àqueles que sofrem (Cf. SS, 25).

Não é a ciência que redime o homem. O homem é redimido pelo amor. Contudo o amor não resolve, por si só, o problema da sua vida. O homem necessita do amor incondicionado (Cf. SS, 26). Trata-se de um amor que redime o homem, um amor absoluto. É o amor divino.

“Quem não conhece Deus, mesmo podendo ter muitas esperanças, no fundo está sem esperança, sem a grande esperança que sustenta toda a vida (cf. Ef 2,12). A verdadeira e grande esperança do homem, que resiste apesar de todas as decepções, só pode ser Deus” (SS, 27).

Quem é atingido por este amor começa a entender o significado da palavra esperança, ou seja, começa “a intuir em que consistiria propriamente a vida. Esta vida, a vida no verdadeiro sentido, não a possui cada um em si próprio sozinho, nem por si só, pois ela é uma relação. É “a relação com Aquele que é a fonte da vida” (Cf. SS, 27). Esta relação compromete-nos a ser para os outros, conduz-nos à verdadeira esperança que não é individual, não esquece nem descuida os outros, pois “o amor de Deus revela-se na responsabilidade pelo outro” “*Quem ama Deus não pode reservar o dinheiro para si próprio*”. (São Máximo Confessor) “” (Cf. SS, 28).

Também Santo Agostinho, nas suas *Confissões* sublinha esta esperança de horizonte comunitário, a esperança comum que o Evangelho impele a transmitir, a esperança que lhe vinha da fé. “Em virtude da sua esperança, Agostinho prodigalizou-se pelas pessoas simples e pela sua cidade – renunciou à sua nobreza espiritual e pregou e agiu de modo simples para a gente simples” (SS, 29).

Tal como a Agostinho, a esperança bate, a cada dia, ao coração de cada homem. Maiores ou menores, quotidianamente o homem tem muitas esperanças. Estas afiguram-se de diferentes modos ao longo da vida, podendo uma ou outra satisfazê-lo totalmente, sem necessidade de outras.

“Na juventude, pode ser a esperança do grande e fagueiro amor; a esperança de uma certa posição na profissão, deste ou daquele sucesso determinante para o resto da vida. Mas quando estas esperanças se realizam, resulta com clareza que na realidade, isso não era a totalidade. Torna-se evidente que o homem necessita de uma esperança que vá mais além. Vê-se que só algo de infinito lhe pode bastar, algo que será sempre mais do que aquilo que ele alguma vez possa alcançar.” (SS, 30)

A cultura moderna quis ela própria edificar pilares de esperança, com base no saber científico, endeusando a ciência como fonte de esperança, como garante de um mundo perfeito.

“A esperança bíblica do reino de Deus foi substituída pela esperança do reino do homem, pela esperança de um mundo melhor que seria o verdadeiro reino de Deus.” (SS, 30)

Contudo, sustenta Bento XVI, o passar do tempo revelou que esta esperança do reino do homem se escapa das suas mãos sempre para mais longe (Cf. SS, 30). A esperança não pode ser isto, não pode ser apenas para a humanidade do futuro, para a geração de amanhã. Ela tem de dizer respeito à humanidade do presente e de cada geração.

Precisamos das esperanças que, dia após dia, nos mantêm a caminho. Mas estas esperanças não se bastam a si mesmas, precisam da grande esperança, que é Deus, e que nos pode propor e dar aquilo que, sozinhos, não podemos conseguir (Cf. SS, 31).

“Somente o seu amor nos dá a possibilidade de perseverar com toda a sobriedade dia após dia, sem perder o ardor da esperança, num mundo que, por sua natureza, é imperfeito” (SS, 31).

Bento XVI faz desta encíclica uma exortação a reconhecer hoje o primado da esperança na resposta às questões do homem contemporâneo. Sem esquecer o primado axiológico – a esperança é a fé que espera, a caridade a fé que ama – a *Spe Salvi* reconhece que hoje é oportuno colocar a esperança em primeiro plano, seja a nível teológico seja pastoral. Na cultura contemporânea, esperança e caridade devem sentir-se ao serviço do homem, indo ao encontro das suas dúvidas e necessidades.⁷²

⁷² Cf. FROSINI, G., “La risposta alla grande domanda di speranza”, in *Rivista di Teologia Morale*, 158 (2008), 167.

É este o diagnóstico que a *Spe Salvi* faz da esperança na cultura contemporânea. Nele encontramos dados fundamentais e inerentes à chave de leitura cristã dos problemas do mundo. Esta chave é fundamental que esteja presente nos conteúdos programáticos da unidade letiva 1 de EMRC do 6º ano, uma vez que permitirá dar resposta às questões que surgiram no primeiro capítulo desta reflexão. Fornecendo a cada aluno um conjunto de ferramentas, valores e princípios, permite-lhes olhar o mundo sob a perspetiva da responsabilidade comum. Ajudá-los-á a entender que a ciência pode contribuir muito para a humanização do mundo e dos povos, mas não se basta a si mesma e não tem em si a verdadeira esperança.

Ao entender o verdadeiro significado da esperança, o aluno intuirá o papel da mensagem cristã na construção de uma esperança de horizonte comunitário, uma esperança comum que o Evangelho impele a transmitir.

2.2. A esperança cristã

2.2.1. Desafios e interpelações da esperança cristã

a) Problemáticas da globalização

A fé-esperança cristã sofreu uma considerável transformação no tempo moderno. Tal como a visão de Bacon, que Bento XVI faz referência em *Spe Salvi*, “a novidade está numa nova correlação entre ciência e prática”⁷³. A fé tornou-se algo irrelevante para o mundo, situando-se agora na esfera do privado e do ultraterrestre. Por isso, salienta Bento XVI, a atual crise da fé não é mais que uma crise da esperança cristã.

Ao lançarmos um olhar sobre a realidade da esperança cristã poderíamos observar ao longo das últimas décadas uma progressão do iluminismo contra a esperança cristã. É bem visível o desenrolar de um processo de secularização que retira a Deus a referência de ser guia da história humana para, em seu lugar, colocar a mão do próprio homem.

Por secularização queremos significar a antítese da religião e, conseqüentemente, o eclipse desta.

“O homem moderno suplanta o papel fundamental da fé cristã contra o estado e vida social. Agora a modernidade não é apenas secularização contra a fé mas secularização da fé, apropriação de um património de crenças – ideias e sentimentos, valores e motivações – que a tradição hebraico-cristã alimentou e transmitiu, e que agora poderia estar independente da tutela religiosa.”⁷⁴

O que acontece agora é que estamos perante “uma forma de secularização que não só não contrasta com a religião e com a fé mas a segue: uma secularização da fé”.⁷⁵

De facto, o presente é marcado pelo fenómeno da globalização. A sociedade humana é um mercado global onde a economia fala mais alto que a cultura ou a religião. Questiona-se pois qual o lugar da esperança no mundo pós-moderno. A lógica da globalização não tem espaço para a esperança. A sua referência ao futuro é inspirada e configurada na ideia do crescimento

⁷³ Cf. RIZZI, A., “Le sorti della speranza nell’era moderna”, in *Rivista di Teologia Morale* 158 (2008), 169.

⁷⁴ *Ibidem*, 170.

⁷⁵ Cf. *Ibidem*.

ilimitado do PIB, do bem-estar, do tempo de vida biológico. Esta é uma tendência objetiva suportada por uma ideologia fundamentada no neoliberalismo e no mercado livre.

A globalização define um novo período na história humana. Com ela surge a necessidade da existência de um pluralismo de valores, de modos de vida, e de religiões. Assim, se com isso os próprios cidadãos de cada país encontram nos direitos humanos uma escala de valores comuns, as coisas complicam-se quando é necessário daí tirar normas e valores. Por exemplo, pode pegar-se na carta dos direitos humanos e questionar se, em nome desses valores, se deve ou pode fazer uma lei que interdite o uso do véu islâmico nas escolas, como aconteceu em França.⁷⁶

A modernidade foi assim desenvolvendo-se à escala mundial com a generalização do espírito crítico, com a capacidade crescente de transformar as condições de vida e agir sobre o destino, com a aceleração da circulação das ideias, do capital e das pessoas em todo o planeta⁷⁷.

Na base deste panorama de modernidade está a ideia de progresso sustentada em dois pilares do iluminismo: razão e liberdade. “O progresso é a superação de todas as dependências; é avanço para a liberdade perfeita” (SS, 18). Na génese desta ideia esteve Marx, que colocou a economia em primeiro plano.

A esperança cristã tem hoje, na sociedade pós-moderna um papel muito digno e ativo. Cada cristão deve construir a sua própria identidade sem esquecer o altruísmo, a atenção ao outro, o dever de solidariedade na relação com os outros. Os cristãos devem saber aplicar o seu sentido evangélico num trabalho criativo de intervenção social com vista a dar respostas concretas a problemas concretos da comunidade humana. Investir a sua imaginação evangélica contribuindo para a construção dos laços sociais nos campos da educação, social e política, significa que hoje a esperança não desempenha a sua ação apenas como um apoio, um suplemento, mas põe em prática o seu sentido de criatividade social, criando “laboratórios” onde se cria sociedade. Por exemplo, em França, “um país onde 85% das pessoas vivem em zona urbana, os bairros de nossas cidades não são os primeiros problemas para resolver, mas lugares onde se inventa o novo vínculo social numa sociedade multiétnica, multirreligiosa, confrontada com a precariedade de emprego e a dissolução da família nuclear”⁷⁸.

A inquietude que atormenta as pessoas na sociedade atual conduz a esperança cristã à questão de Deus. A palavra Deus na faz mais sentido na sociedade nem mesmo para alguns cristãos afetados por secularização. A pós-modernidade apresenta caminhos diversos, com alternativas que passam pelas divindades do politeísmo, pela ligação a um Deus terapeuta mas que não

⁷⁶ Cf. SOULETIE, Jean-Louis, “L’espérance chrétienne”, 590.

⁷⁷ Cf. *Ibidem*.

⁷⁸ *Ibidem*, 592.

gera uma conversão radical, pelas ligações várias às religiões ou ritos orientais, pela adesão a maçonarias, ligação a seitas, ou novas “religiões” de tipo *new age*, como a numerologia, entre outras, ou simplesmente o agnosticismo e o ateísmo.

Apesar da diversificação religiosa a secularização provocou na sociedade pós-moderna um decréscimo da prática religiosa e duma menor influência da Igreja na sociedade. O mesmo não significa que as pessoas vivam menos o religioso, ou tenham alguma forma de viver a sua dimensão espiritual, até porque em muitas situações concedem maior credibilidade à religião que à política. Por exemplo, muitas das mensagens do Papa, que visam dar novas razões de esperança e influenciar os modos de vida, são globalmente aceites por uma grande percentagem de pessoas e das mais tidas em conta, mesmo por gente estranha à vida da igreja Católica. Pensemos nos apelos feitos à paz, à defesa do ambiente, à não-violência, à partilha.

Vivemos num tempo marcado mais pela influência da secularização do que pelo impacto da religião e das virtudes a ela estão associadas, como é o caso da esperança. Basta olharmos a realidade em que vivemos, ainda mais no momento de crise que o país atravessa, para depararmos com tantas situações difíceis em que vivem pessoas isoladas ou famílias inteiras. Perante situações difíceis, que não têm somente a ver com a pobreza material, damo-nos conta de gente que, procurando e esperando melhorar a situação e as condições em que se encontra, e apesar dos efeitos da secularização, recorrem (talvez por força da tradição) ao transcende com a esperança na resposta para o problema que as afeta. Isto leva-nos a questionar o tipo de esperança ou, a própria intensidade da esperança, que existe na sua vida quotidiana.

b) Fé e esperança: horizonte e segurança para a humanidade

“Se ao progresso técnico não corresponde um progresso na formação ética do homem, no crescimento do homem interior (cf. Ef 3,16; 2 Cor 4,16), então aquele não é um progresso, mas uma ameaça para o homem e para o mundo” (SS, 22), sublinha Bento XVI a propósito da sociedade que relegou Deus para fora do mundo. O grande problema desta sociedade marcada pela laicização, pelo consumismo desmedido, pelo individualismo, pelo progresso técnico, pelos automatismos e rapidez, é que as pessoas tornam-se incapazes de manter na sua vida quotidiana uma esperança forte, inabalável, resistente às intempéries do dia-a-dia e que afetam as suas aspirações mais imediatas.

Para esperar devemos crer, aderir à vida e ao seu sentido, apaixonar-se, pois a esperança é bem mais que o otimismo. Acreditar não é um ato de fé apoiado apenas na imaginação, é aderir a um bem que está sendo experimentado. Na verdade, a esperança que crê tem a força de resistir e de suportar: resistir ao absurdo, às falhas, à angústia; suportar o vazio, a ausência,

a distância, a solidão. A esperança é também uma relação, é confiar em alguém que amamos e que seja capaz de amar. De facto, uma relação interpessoal é viva quando se crê que ela resistirá apesar da distância. A fé em Deus e a fidelidade interpessoal são semelhantes.⁷⁹

Esperar é acolher uma promessa fundamental que ilumina todo o caminhar, toda a existência pessoal e comunitária. A sociedade contemporânea vive de falsos horizontes, de expetativas que não realizam a comunidade no seu todo, pois privilegiam o bem-estar de uns à custa de outros. Quem não se revê neste horizonte de vida, contribui antes para a salvaguarda da justiça e da esperança, tornando crível a promessa de cumprimento de felicidade e de satisfação humana. A fé implica uma esperança pessoal, mas não privada. A sua força está na partilha, por isso onde há esperança viva há uma comunidade viva, uma real comunhão.

Se esperar não é apenas um ato, um projeto, uma vontade, mas uma verdadeira realização, o *esperar-em* alguém significa poder exprimir a sua fé na esperança, reconhecendo a presença de Deus, e não uma qualquer conceção ou ideologia religiosa⁸⁰. “O homem tem necessidade de Deus, de contrário, fica privado de esperança” (SS, 23). A fé e a esperança em Deus concedem à existência humana, pessoal e comunitária, um autêntico patamar de segurança, permitindo a cada homem vislumbrar horizontes de verdadeira realização, de verdadeira felicidade. Sem este horizonte os caminhos a trilhar serão sempre inseguros, incertos, inconformistas, vazios de satisfação.

“Crer significa sair da sombra das coisas caducas e pisar o chão firme da verdadeira realidade: alcançar a *hipóstase* à letra: aquilo que está firme e onde se pode estar firme. Crer significa ter encontrado um chão, aproximar-se da verdadeira substância de todas as coisas. Com a fé, a esperança *tomou pé*: o grito de esperança que irrompe do nosso ser não se perde no vazio; encontra um firme apoio que nós agora, pelo que nos toca, devemos manter firme.”⁸¹

De facto, são bem visíveis as insuficiências, as incapacidades do modelo capitalista de desenvolvimento. A sua incapacidade para produzir uma verdadeira esperança é por demais evidente quando ao reduzir a luta contra a pobreza aos limites de uma solidariedade que, se demonstra poder ser caritativa, mas que é, contudo, “incapaz de por em discussão os próprios mecanismos que multiplicam a pobreza”. Tal facto põe a nu as fragilidades da nossa cultura que, “consegue produzir protestos, entregues sobretudo às manifestações de arte e à crítica, mas se mantém incapaz de produzir modelos alternativos”⁸².

⁷⁹ Cf. RIZZI, A., “Le sorti della speranza”, 176.

⁸⁰ Cf. *Ibidem*, 177.

⁸¹ RATZINGER, J., “A Esperança”, 457.

⁸² Cf. RIZZI, A., “Le sorti della speranza”, 40-41.

“Se o progresso, para ser digno deste nome necessita do crescimento moral da humanidade, então a razão do poder e do fazer deve de igual modo urgentemente ser integrada mediante a abertura da razão às forças salvíficas da fé, ao discernimento entre o bem e o mal”. (SS, 23)

Bento XVI deixa claro que o esforço que a sociedade contemporânea tem vindo a fazer no encalce de uma melhor qualidade de vida e de uma melhor justiça para todas as pessoas, só o será possível numa abertura à fé.

É bem saliente a dificuldade atual em mostrar como a esperança pode ser a fonte, a solução para uma nova humanidade. Não apenas de uma reforma da sociedade, mas de uma reformulação. Numa altura em que a globalização apresenta a esperança mergulhada num clima de colapsos económicos e políticos, é fundamental reinventar a sociedade. A esperança cristã em Deus que ressuscitou Jesus de entre os mortos é chamada a mostrar como Ele dá a indivíduos fatigados o dever de assumir a responsabilidade de inventar a sociedade, ao mesmo tempo que torna presente a sua palavra sobre quem deposita n’Ele a sua confiança.⁸³

“O cristianismo moderno, diante dos sucessos da ciência na progressiva estruturação do mundo concentrou-se em grande parte somente sobre o indivíduo e a sua salvação. Deste modo, restringiu o horizonte da sua esperança e não reconheceu suficientemente sequer a grandeza da sua tarefa – apesar de ser grande o que continuou a fazer na formação do homem e no cuidado dos fracos e dos que sofrem.” (SS, 25)

A esperança cristã impele pois o cristão a olhar para a história da salvação e a perceber e reconhecer a grandeza da tarefa que lhe foi confiada: dar ao mundo um horizonte de esperança fundado no amor absoluto, incondicionado.

⁸³ Cf. SOULETIE, Jean-Louis, “L’espérance chrétienne”, 596.

2.2.2. A esperança cristã, caminho de vida

É costume ouvir dizer que *enquanto há vida há esperança*, embora o contrário também seja verdade, enquanto há esperança há vida. Se perdermos a esperança, viver torna-se um fardo pesado e sem sentido. A esperança qualifica e dignifica a vida.

Talvez já tenhamos experimentado a perda momentânea da esperança ou já nos tenhamos cruzado com alguém que a tenha perdido, momentaneamente ou talvez até definitivamente. Nessas situações torna-se necessário e urgente recuperá-la e reencontrar aquela força interior que nos faz lutar por construir um mundo e um futuro melhores. “Precisamos das esperanças – menores ou maiores – que, dia após dia, nos mantêm a caminho” (SS, 31), que dão sentido ao nosso presente e que nos projetarão para o futuro sem ter medo de viver.

É pois evidente que a esperança tem a ver com o futuro. Dele o homem espera algo. O quê? O que esperamos? Uma alegria, uma felicidade que ainda não possuímos? O que esperamos será sempre algo que buscamos para a nossa realização, enquanto seres individuais e/ou enquanto membros de uma comunidade.

Muito do que esperamos “baseia-se sempre na temporalidade”⁸⁴. Tal implica que nunca teremos o nosso ser perfeito. Um jovem ou uma criança pode esperar uma boa nota num teste, uma festa no próximo fim-de-semana, um passeio nas férias, uma *playstation* no Natal, etc. Este tipo de expetativas marcam as vidas quotidianas da nossa sociedade. Têm, de facto, a sua importância pois dão-lhe colorido e ânimo. Contudo, elas não são esperança. São apenas expetativas. Não são a grande esperança que todos procuram, aquela que transmite paz e segurança ao dia-a-dia, que faz cada homem e cada mulher trilhar, sem medo, caminhos de horizonte futuro.

Em sentido contrário temos os muitos medos e receios que quotidianamente nos afligem, no trabalho ou em casa. Se nenhuma daquelas esperanças é ainda a verdadeira esperança, também nenhum destes medos “esgota o homem e o levam ao desespero”⁸⁵. No entanto, não é menos verdade que “a questão da esperança está relacionada com o problema dos sujeitos humanos, os quais esperam coisas contraditórias, conforme a condição em que se encontram”⁸⁶. A esperança da cultura contemporânea afasta-se cada vez mais da esperança cristã, cujos alicerces ultrapassam a temporalidade e a precariedade da vida humana. Perante

⁸⁴ RATZINGER, J., “A Esperança”, 452.

⁸⁵ *Ibidem*.

⁸⁶ RUGGIERI, G., “Esperanças e desencanto da cultura contemporânea”, 30.

os limites que todos sentimos, as incertezas e a instabilidade de uma crise como a que atualmente vivemos, a esperança cristã permite superar o medo, ganhar coragem, condena o cruzar de braços e impele o agir, não apenas com horizontes individualistas mas que concorrem para o bem comum.

A questão da esperança é fundamental e não pode ser analisada de ânimo leve. Que esperam hoje os homens e mulheres, os jovens, as crianças, e os idosos? Há na sua esperança muitos elementos e objetivos de ordem meramente material, política, profissional ou de status, dos quais não se conseguem libertar. É esta a tendência, particularmente vincada dos nossos dias, que privilegia “desmesuradamente o material, o imediato, o pragmático, o triunfalismo humano, pessoal, político e social, com notórias consequências logo que se trata da esperança”⁸⁷. O que é que cada um espera? Naturalmente, espera sempre o melhor e, se possível, melhor que o do vizinho. Destacar-se do outro, dar nas vistas, alcançar a glória, o sucesso e o reconhecimento social. Ter sucesso profissional, dinheiro, boa casa, bom carro, férias extravagantes, muita vida social, influência. A(s) esperança(s) que orienta hoje, na generalidade, os indivíduos, mais jovens ou menos jovens, não é aquela esperança virtude, que eleva a horizontes maiores, que permite transcender-se para além do imediato e que preenche o vazio interior que permanece para além de todas as riquezas, bens e sucessos alcançados.

Maria Engrácia Leandro ilustra esta realidade com o caso de “uma jovem interrogada por um jornalista em Fátima no dia 21-11-2004, após a *missa da esperança*, acerca dos fundamentos e objetivos da sua esperança. Confrontada com estas questões, responde tão-só que esperava que Nossa Senhora de Fátima a ajudasse a ter boas notas para poder ingressar na universidade.”⁸⁸ Obviamente que esta, como muitas outras, é uma aspiração legítima comum a muitos jovens, para quem entrar na universidade é o cumprimento de um sonho. No entanto, não é mais que uma expectativa. Não constitui um horizonte maior da esperança. Mas é esta a realidade que vemos aumentar a cada dia num mundo onde as pessoas parecem viver cada vez mais sem esperança. Por isso o Papa Francisco, na Jornada Mundial da Juventude (JMJ) de 2013, no Brasil, apelava aos jovens “nunca percamos a esperança. Nunca deixemos que ela se apague nos nossos corações! [...] Querido irmãos e irmãs, sejamos luzeiros da esperança.”⁸⁹, Apelo este também presente na letra do Hino oficial da JMJ, “juventude, primavera: esperança do amanhecer”. Numa sociedade influenciada pelo hedonismo, pelo materialismo, pelo imediato, como diagnostica Lipovetsky, cuja referência aqui já foi feita, o Papa

⁸⁷ LEANDRO, Maria E., “A esperança no mundo de hoje”, 25.

⁸⁸ *Ibidem*, 26.

⁸⁹ FRANCISCO, Papa, *Homília no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida*, Jornada Mundial da Juventude 2013, 24/7/2013, nº1, [URL] <http://www.agencia.ecclesia.pt/dlds/bo/franciscobrasil2013.pdf>, 25-06-2014.

Francisco quis chamar a atenção dos jovens para a sua responsabilidade na mudança de atitude perante a vida, para que as suas expectativas se constituam de uma dimensão que as torne virtudes e lhes dê um “caráter mais transcendental”⁹⁰.

Desta forma, o apelo do sumo pontífice vai no sentido de alertar para o perigo de uma vida orientada por uma falsa esperança. Quantas vezes o investimento da sua vida recai sobre sobretudo ao nível das preocupações profissionais, do “*hic et nunc*, como se a vida se orientasse apenas pelo instantâneo e pelo efémero e fosse muito menos alicerçada numa esperança que projete para o além e para lá do gozo e realizações imediatos”⁹¹.

É necessário que cada indivíduo se confronte com a própria realidade, encarando a esperança como um desafio, um compromisso, uma resposta, e uma chama de vida. Deve ser esse o olhar do cristão para a esperança. A esperança cristã é um desafio e um horizonte maior. Embora dependendo da condição em que o sujeito humano se encontra, a esperança cristã não se deixa delimitar por isso, pois não pode ficar sujeita às fronteiras do individual, mas abrir-se ao outro. A esperança cristã é um “esperar em conjunto”, independentemente do cenário social. Seja numa família pobre do submundo urbano, seja numa família rica, seja no seio de uma direção de uma grande empresa multinacional, ou seja na vida de um conjunto de moradores de um bairro degradado ou de um espaço fraturado⁹² Africano ou Asiático.

A esperança de um “mundo do homem”, defendida pela conceção iluminista clássica de cultura, é hoje perceptível como uma “esperança falaciosa, dado que arrisca a conseguir o efeito contrário – o de um mundo desumano”⁹³. Obviamente que é inevitável a “distinção de mundos diferentes, onde atuam sempre paradigmas diversos e, portanto, inelutavelmente, éticas diversas. O único sucesso possível parece ser o de uma ética do entendimento (Habermas) que vai substituindo a ética de influência e de poder”⁹⁴. Este entendimento é sustentando numa esperança que coloca como horizonte o transcendente.

No diálogo com o então teólogo e cardeal Ratzinger, Habermas duvida de poder chegar a constituir uma sociedade civil globalizada, devido às massivas violações dos direitos humanos. Por isso, defende a necessidade de reinstaurar um *ethos* de contenção no sistema democrático da sociedade ocidental.⁹⁵ Para Habermas, “a modernidade desgastada só poderá

⁹⁰ Cf. SILVA, José Cândido da, Hino Oficial da Jornada Mundial da Juventude Rio 2013 “Esperança do Amanhecer”, [URL] <http://www.rio2013.com/pt/a-jornada/hino>, 25-06-2014.

⁹¹ LEANDRO, Maria E., “A esperança no mundo de hoje”, 27.

⁹² Aquilo que em Portugal designamos por *bairros de lata*, ou no Brasil por *favelas*.

⁹³ RUGGIERI, G., “Esperanças e desencanto da cultura contemporânea”, 32.

⁹⁴ *Ibidem*, 33.

⁹⁵ Cf. GARELLO, Fabián U. F., “El debate Habermas-Ratzinger. los raíces cristianas del Liberalismo político o historia de una falsificación”, in *Itinere. Revista Digital de Estudios Humanísticos de la Universidad Fasta*, 1-2, Ano 3, Vol. III (2013), 8, [URL] <http://revistas.ojs.es/index.php/itinere/issue/view/203/showToc>, 15-02-2014.

ser resgatada por uma orientação religiosa que a guie para um ponto de referência transcendental”⁹⁶.

Por ser lado, Ratzinger “ratifica uma linha constante na Igreja que se manifesta pela rejeição ao homem do cientificismo cartesiano, que tem pretendido engendrar um *ethos* científico depois de procurar eliminar velhas certezas morais, e cuja maior manifestação é a conceção da economia como uma ciência lógico-matemática”⁹⁷. Para o Cardeal o egoísmo é o primeiro instinto do capitalismo moderno globalizado, traduzido na meta da ganância. Não se pode negar e ignorar a caridade, a solidariedade, e o respeito à condição humana, limites ao egoísmo economicista, e fundamentos de uma sociedade com justiça social e individual.⁹⁸

“Sem esperança o homem não pode viver, e a sua necessidade de transcendência, que traz constitutivamente consigo, não conhece imposição de qualquer espécie”⁹⁹.

“As sociedades pós-modernas são sociedades desiludidas e inquietas”¹⁰⁰. Apesar das imposições políticas e sociais, o desejo e a necessidade de liberdade, de justiça, de paz e de felicidade impedem o individuo humano de se resignar e, ao invés, de manifestar a sua intolerância à situação presente entregando-se totalmente numa revolução que tem no horizonte um futuro de esperança. Tal não é mais que a “vida que está a reagir e tentar se libertar de si mesma, de restringir os regimes em que tem sido relegada para segundo plano”¹⁰¹.

“Que outra coisa pode querer significar uma autêntica marcha para a paz, destino de encantamento de qualquer país do mundo, que a revolta contra as injustiças, a intolerância cada vez mais e mais pronunciada contra o descontentamento e a miséria existentes, e que as vivas iniciativas de solidariedade e de partilha, que envolvem o mundo dos jovens?”¹⁰²

O que esperamos? O que espera (ou deve esperar) o cristão? A esperança cristã aponta o caminho do infinito, do além do imediato, do efêmero ou do meramente humano. Ela “pode reivindicar uma tarefa educativa para contribuir não só para uma crítica da sociedade, mas para encontrar com os outros uma nova coesão social”¹⁰³.

⁹⁶ *Ibidem*, 9.

⁹⁷ Cf. *Ibidem*, 11.

⁹⁸ Cf. *Ibidem*, 12.

⁹⁹ FROSINI, G., “La risposta alla grande domanda di speranza”, 163.

¹⁰⁰ SOULETIE, Jean-Louis, “L’espérance chrétienne”, 588.

¹⁰¹ *Ibidem*.

¹⁰² *Ibidem*.

¹⁰³ *Ibidem*, 599.

2.2.3. Porque esperamos: aspetos psicológicos da esperança

É curioso como, perante circunstâncias socioeconómicas e culturais adversas, que vitimizam sobretudo quem vive no limiar, ou abaixo do limiar, da pobreza, a esperança surge como o principal e último reduto a que podem agarrar-se, mesmo que conformadas com a sorte que lhes coube.

O mesmo se passa com tantas pessoas, vítimas de doenças incuráveis ou de outras situações, para as quais parecem esgotadas todas as capacidades humanas, científicas e tecnológicas, mas que mesmo assim se afirmam possuidoras de uma fé e de esperança inabalável.

Impõe-se por isso perguntar: porque continuam estas pessoas a esperar, apesar de todas as contrariedades que lhes coube em sorte?

A pergunta sobre a esperança está presente em todo o acontecimento humano, enquanto busca de sentido. O ser humano não é capaz de se desenvolver sem um ambiente favorável, sob o signo do sentido, da ordem, da confiança e da estabilidade.¹⁰⁴ “A inclinação que o homem tem pela ordem funda-se numa espécie de fé ou de confiança que, no fundo, a realidade esteja *em ordem*, que *tudo vai bem*, que esteja *como deveria ser*”.¹⁰⁵

O sentido é pois um elemento e uma característica imprescindível do ser humano ao longo da construção da sua vida. “Somos seres votados à busca de sentido. Também do ponto de vista biológico o nosso sistema nervoso é estruturado de tal modo que os estímulos provenientes do exterior são automaticamente organizados pelo cérebro em estruturas internamente dotadas de sentido.”¹⁰⁶

Há no entanto situações que não controlamos, que fogem às nossas possibilidades, e nessa altura a presença de um sentido na vida foge ao nosso controlo. É aqui que a esperança ganha relevo. Nestas situações ela assume-se como garantia da presença de um sentido da vida. Do ponto de vista psicológico a esperança é uma virtude na vida, uma resposta de confiança e ao mesmo tempo permite encontrar o significado das dificuldades e provas, incluindo as mais graves, da vida.

¹⁰⁴ Cf. CUCCI, G., “Aspectos Psicológicos de Esperança”, in *Cultura e Fé* 124 (2009), 12, [URL] <http://www.infosbc.org.br/portal/images/stories/pdf/esperanca.pdf>, 07-08-2013.

¹⁰⁵ *Ibidem*.

¹⁰⁶ *Ibidem*, 13.

Dado que a esperança tem uma evidente componente emocional, e que esta tem um papel importante na motivação, a psicologia moderna tem também uma palavra a dizer. À medida que passamos além da simples definição de esperança, e formulamos questões posteriores sobre ela, a complexidade aumenta.

“Quando nos fixamos sobre a esperança no ser humano, somos levados à psicologia: psicologia da motivação que nos leva a agir e psicologia do desenvolvimento de como ela se adquire. Igualmente, quando nos fixamos na falta de esperança, somos remetidos para a área da psicopatologia.”¹⁰⁷

Alguns estudos de psicologia sobre a esperança defendem que a capacidade da esperança depende da capacidade da esperança de encarar a realidade e até de aceitar os limites, uma vez que a desesperança resulta frequentemente de expectativas irrealistas e exageradas. A esperança tem a sua raiz na confiança básica que a criança aprende na infância.¹⁰⁸

Do ponto de vista psicológico a esperança é, assim, entendida como uma capacidade para enfrentar os obstáculos, uma energia que gera a coragem e a perseverança no agir. “Para os antigos, a esperança pertencia àquela faculdade da *psiché* chamada ‘irascível’. S. Tomás refere-se à faculdade do irascível na *Summa Theologica*, retomando e sistematizando a análise de Aristóteles. Para S. Tomás se se supera um obstáculo é porque antes de tudo se ‘pensa’ poder enfrentá-lo (momento valorativo-especulativo prévio), e porque se está convencido que executando tal ação a situação melhorará e trará satisfação.”¹⁰⁹

Estar convicto de que se é capaz de enfrentar as dificuldades significa que dentro de si há uma enorme motivação para a vida. Quando tal não acontece há uma tendência para o desânimo. A falta de esperança é a característica principal da depressão, até porque ela tem uma conotação fortemente afetiva.¹¹⁰ Ela é como uma mola interior que impulsiona a convicção dos bons resultados e da satisfação do nosso agir. E quando ela não existe ou existe num nível baixo, torna-se muito complexo encontrar razões de viver. Se não encontra sentido para o agir, para a luta, se não encontra razões de esperança numa situação particularmente crítica, se não existe na sua vida uma boia de salvação a que se agarrar, então o caminho é o desespero pois as próprias forças começarão a decair.

Nos momentos mais débeis da nossa vida, sobretudo numa situação particularmente crítica, torna-se fundamental encontrar uma última razão de esperança a que nos possamos agarrar. É

¹⁰⁷ HEALY, T., “A esperança humana: um desafio interdisciplinar”, in *Brotéria* 137 (1993), 124.

¹⁰⁸ Cf. *Ibidem*, 127.

¹⁰⁹ Cf. CUCCI, G., “Aspectos Psicológicos de Esperança”, 14.

¹¹⁰ “Se há uma coisa que caracteriza toda a forma de doença mental, esta é a falta de esperança” (W. F. Lynch), citado por CUCCI, G., “Aspectos Psicológicos de Esperança”, 16.

essa razão de esperança que nos vai ajudar a buscar motivação e a encontrar sentido para a luta.

“Certamente, nos nossos inúmeros sofrimentos e provas sempre temos necessidade também das nossas pequenas ou grandes esperanças – de uma visita amiga, da cura das feridas internas e externas, da solução positiva de uma crise, etc. Nas provações menores, estes tipos de esperança podem mesmo ser suficientes. Mas, nas provações verdadeiramente graves, quando tenho de assumir a decisão definitiva de antepor a verdade ao bem-estar, à carreira e à propriedade, a certeza da verdadeira grande esperança, de que falámos, faz-se necessária.”
(SS, 39)

A grande esperança de que fala Bento XVI é a esperança enquanto realidade ligada à fé, facto que não podemos descartar. S. Paulo, na Carta aos Hebreus (HB 11, 1) afirma que “a fé é garantia das coisas que se esperam e certeza daquelas que não se vêem”. E anima ainda a fé dos Tessalonicenses¹¹¹ e Efésios¹¹², sublinhando o papel da esperança no tema da morte.

A esperança está, portanto, para além da experiência sensorial e empírica que cada pessoa tem no mundo. Para ser realmente uma fonte motivadora, um motor do agir, deve conduzir a uma plenitude de vida maior. “*O sentido do mundo deve estar fora dele. No mundo tudo é como é, e tudo acontece como acontecer*”, afirmou Wittgenstein¹¹³.

A esperança, enquanto capacidade de reagir face às dificuldades, dá nova cor à vida, traz força e motivação nos momentos de provação. Para S. Tomás “a esperança pode causar e aumentar o amor seja por motivo do prazer que a acompanha, como por motivo do desejo, pois a esperança reforça o desejo: de facto, não se deseja tao intensamente aquilo que não se espera”¹¹⁴.

Assim a esperança não se constitui apenas como uma força, uma fonte de energia que permite enfrentar e ultrapassar barreira e dificuldades, mas é também uma fonte de desejo para a vida. Tal significa que a esperança tonifica a própria vida com tons de desejo de viver, de alegria, satisfação, prazer, gozo.

A esperança é pois uma dinâmica fundamental do modo de viver, pois possibilita encarar a vida com outros olhos, com renovado sentido, mesmo quando humanamente ele parece não existir. Tal é sublinhado pela *Spe Salvi* que convida a olhar para o exemplo dos santos e seu

¹¹¹ *Irmãos, não queremos deixar-vos na ignorância a respeito dos que faleceram, para não andardes tristes como os outros, que não têm esperança* (1 Ts 4,13).

¹¹² *Lembra-vos de que nesse tempo estáveis sem Cristo, excluídos da cidadania de Israel e estranhos às alianças da promessa, sem esperança e sem Deus no mundo* (EF 2, 12).

¹¹³ Citado por CUCCI, G., “Aspetos Psicológicos de Esperança”, *Cultura e Fé* 124 (2009), 20.

¹¹⁴ *Ibidem*, 22.

testemunho de esperança que deram em situações onde, humanamente, parecia não haver mais nada a esperar.

“É importante saber: eu posso sempre continuar a esperar, ainda que pela minha vida ou pelo momento histórico que estou a viver aparentemente não tenha mais qualquer motivo para esperar. Só a grande esperança-certeza de que, não obstante todos os fracassos, a minha vida pessoal e a história no seu conjunto estão conservadas no poder indestrutível do Amor e, graças a isso e por isso, possuem sentido e importância, só uma tal esperança pode, naquele caso, dar ainda a coragem de agir e de continuar.” (SS, 35)

Enquanto ser votado à busca de sentido, cada homem e cada mulher tem a percepção que na falta de esperança o seu agir está condenado à paralisia. Por isso, no horizonte da fé cristã há sempre um sentido, há sempre uma esperança superior a todas as outras, que impele a agir e continuar. É aqui que reside a importância de uma vida de fé, enquanto valor humano capaz de dar nova força e dinamismo perante situações objetivamente dolorosas.

2.2.4. Uma esperança ativa: com os outros e para os outros

Da nossa ação nasce esperança para nós e para os outros, sendo que, no entanto, é a grande esperança apoiada nas promessas de Deus que nos encoraja e orienta o nosso agir, quer nos bons quer nos maus momentos do quotidiano (Cf. SS, 35). A fé e a confiança que o homem coloca no seu agir permite-lhe olhar a vida com otimismo. E, para o crente, concretamente para o cristão, há ainda mais razões para uma vida ancorada à esperança, porque acredita em Jesus Cristo e na sua proposta de caminho de vida, caminho de felicidade que propõe para toda a humanidade.

Não basta viver de forma positiva, com aquele otimismo light, porque as decepções da vida são, por vezes, enormes. A confiança para prosseguir caminho, para compreender o significado das dificuldades e provações, e para as ultrapassar, justifica a necessidade da esperança como virtude e sentido de vida.

“Educar um olhar positivo é bem mais do que ver tudo cor-de-rosa ou andar à procura do lado bom de todas as coisas! Já não era mau se o fizéssemos. Mas educar-se para a positividade é sobretudo saber que de tudo (até do pecado) se pode tirar sempre um bem maior e interiorizar a disciplina de se propor constantemente atitudes construtivas, de tirar proveito de humanização e humanismo em tudo o que acontece e não perder a intenção reta, diária, de procurar o bem maior e de fazer o melhor que está nas nossas mãos.”¹¹⁵

A esperança, sob o ponto vista psicológico, capacita o indivíduo para a vida, como ficou dito anteriormente. Gera energia, coragem, motivação e perseverança no agir. Tal como o agir, também o sofrimento faz parte da existência humana, e não podemos eliminá-lo, mas apenas minimizá-lo, lutando contra ele.

“A grandeza da humanidade determina-se essencialmente na relação com o sofrimento e com quem sofre. Isto vale tanto para o indivíduo como para a sociedade. Uma sociedade que não consegue aceitar os que sofrem e não é capaz de contribuir, mediante a com-paixão, para fazer com que o sofrimento seja compartilhado e assumido mesmo interiormente é uma sociedade cruel e desumana. [...] Aceitar o outro que sofre significa, de facto, assumir de alguma forma

¹¹⁵ MAGALHÃES, Vasco P., *Onde há crise, há esperança*, Edições Tenacitas, Lisboa, 2008, 37.

o seu sofrimento, de tal modo que este se torna também meu. Mas, precisamente porque agora se tornou sofrimento compartilhado, no qual há a presença do outro, este sofrimento é penetrado pela luz do amor.”¹¹⁶

Trata-se pois de sofrer com o outro, pelos outros, algo que implica a dádiva do próprio indivíduo, de si mesmo ao outro. Para o cristão isto não é nada mais nada menos que viver o amor à maneira de Deus pois, como dizia Bernardo de Claraval, *Deus não pode padecer, mas pode compadecer-se* (Cf. SS, 39).

No dia-a-dia todo o indivíduo tem necessidade de ir tendo pequenas ou grandes esperanças, como forma de ir suportando e ultrapassando os diversos sofrimentos e provas que a vida vai trazendo. Elas podem assumir a forma de uma visita amiga, de uma palavra amiga, de uma solução positiva para uma crise, da cura de uma ferida interna, etc. E comprometem-nos e capacitam-nos para uma saída de bem, para um caminho de felicidade. “A esperança é um acreditar que vale a pena comprometer-se com o bem”¹¹⁷.

A esperança leva-nos ao amor, à verdade e à justiça, uma vez que nos capacita e impele a agir e a não ficar de braços cruzados.

“É a esperança que nos leva a exercer a Caridade. Pois ela é a força interior que me diz que apesar de tudo vale a pena viver. A esperança é a virtude que me leva a não cegar com os acontecimentos, a interpretá-los como um chamamento, como um apelo a dedicar-me àquilo que é o Bem. Se em vez de me dedicar energia nuclear destrutiva, me dedicar aos problemas da partilha, da fome, estou a viver a Esperança”.¹¹⁸

A esperança é pois uma virtude e uma força que exige uma atitude ativa. Ficar simplesmente na expectativa, na espera, de braços cruzados, não é viver na esperança e com esperança. Há pessoas que estão à espera que qualquer coisa aconteça ou caia do céu. A esperança não é isto. A esperança não é meramente exprimir um desejo, ou estar na expectativa. É muito mais que isso, é empenhar-se para que aconteça, é determinação, é agir, em vez de ficar à espera, passivamente, que aconteça.

Pôr-se a caminho. É esta a atitude e resposta ao desafio de uma esperança. É este o desafio e a interpelação da esperança cristã. Ao cristão não basta rezar e ficar à espera de que algo caia do céu. A oração, o pedido, há-de levar o cristão a entrar em comunhão com Deus e a receber dele a sua energia para fazer tudo o que está nas suas mãos, sabendo que, se reza assim, “o

¹¹⁶ *Ibidem*, 38.

¹¹⁷ OSÓRIO, R., MAGALHÃES, Vasco P., PEREIRA, Henrique M. S., *Conversas com... princípio, meio e fim*, Paulinas, Lisboa, 1999, 272.

¹¹⁸ *Ibidem*.

que acontecer há-de ser bem e há-de ser vivido como bem, ainda que não pareça, ainda que seja a morte ou a não-cura.¹¹⁹

Para o cristão, pôr-se a caminho, significa pôr-se em comunhão com Deus, para estar numa atitude em que, aconteça o que acontecer, faça o que estiver nas suas mãos, aceitando, no entanto, que o caminho, a vontade de Deus, possa ser outra.¹²⁰

Neste *pôr-se a caminho*, neste *pôr-se em comunhão com Deus* o cristão vai encontrar quem precise da sua esperança, do seu compromisso e da sua caridade.

“A esperança é a força que me leva a comprometer no trabalho, porque descobri e acredito que vale a pena. É a virtude de meter mãos à obra, é o passar à ação. É esta força que me leva a agir na Caridade. E porque vejo – sei que vale a pena – *Fé* –, determino-me – vontade e *Esperança* – a agir na *Caridade*!”¹²¹

Tantas são as circunstâncias em que, para tantas pessoas, conformadas com a sua sorte, a esperança surge como o principal e último reduto a que podem agarrar-se. Contudo, infelizmente muitos dos que poderiam contribuir para que algo mude nas vidas destas pessoas limitam-se a deixar transparecer, nos seus belos discursos, a ideia de que lhes vão proporcionar os meios necessários para melhorarem a sua situação, sem que, no entanto, na realidade não alterem nada.

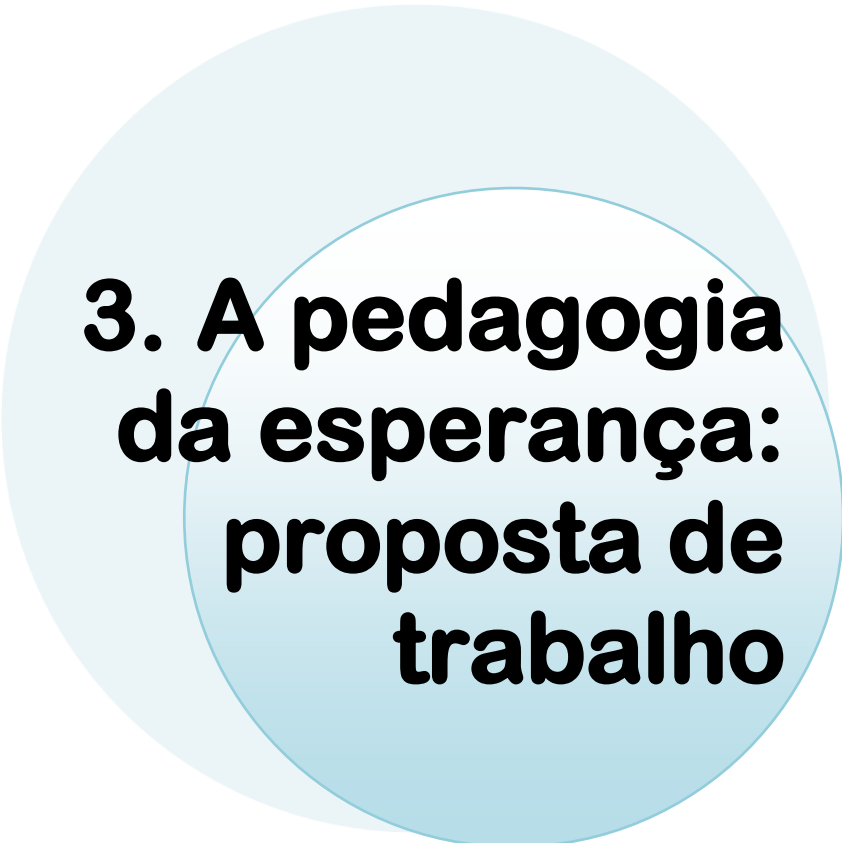
Isto leva-nos a questionar: para os bens instalados na vida, para os que vivem numa situação estável, se para eles haverá lugar para outros conceitos de esperança, que os motivem e incitem a realizar na sociedade dinamismos e ações que a tornem mais humana, mas solidária e mais justa? É que a esperança não é apenas algo em que se espera e acredita, que motive apenas gestos pontuais de partilha de bens materiais, mas é antes uma energia, uma força que impele um compromisso ativo com o outro, um comprometer-se e um ir ao encontro do outro, um agir na Caridade, compadecendo-se com a sua situação, e compartilhando a esperança que humaniza e dignifica a vida.

É este o ponto de partida para a terceira e última parte do presente relatório final da Prática de Ensino Supervisionada (PES). Nele é apresentada uma proposta de enriquecimento da unidade letiva 1 – A pessoa humana – do programa de EMRC do sexto ano.

¹¹⁹ Cf. *Ibidem*, 282

¹²⁰ Cf. *Ibidem*, 283.

¹²¹ *Ibidem*, 281



3. A pedagogia da esperança: proposta de trabalho

Após uma reflexão sobre a esperança a partir do contexto pedagógico específico e concreto em que decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, que contribuiu para a definição da temática do presente relatório final da PES, seguiu-se uma análise teológica da esperança que, tendo por guia a carta encíclica *Spe Salvi*, do Papa Bento XVI, permitiu não apenas iluminar e responder às questões surgidas no primeiro capítulo, mas apresentar também uma fundamentação da esperança. Neste terceiro capítulo, o presente relatório final da PES apresenta uma proposta de trabalho, curricular e extracurricular, que procura ser uma resposta e um desafio, em termos de prática pedagógica, a toda a reflexão realizada.

Assim, e partindo da reflexão decorrida no primeiro capítulo, concretamente o desafio emergente da lecionação, em contexto da PES, da unidade letiva 1 (A pessoa humana – do programa do sexto ano da disciplina de EMRC), que nos levou à questão fundamental da esperança humana, concluímos que a abordagem da temática da pessoa humana e da sua dignidade na referida unidade letiva, exige outros contornos. Compreender o ser pessoa e promover condições para que todos o sejam com dignidade exige um compromisso com a esperança. Consequentemente, o compromisso com a esperança comporta um compromisso em criar condições e dinâmicas de esperanças para os outros. Tal compromisso conduz à consciência cívica de responsabilidade na construção de uma sociedade de esperança.

Neste sentido, o programa curricular relativo à unidade letiva 1 – A pessoa humana –, deve possibilitar aos alunos adquirir conhecimentos e desenvolver capacidades que promovam a construção de uma sociedade mais justa em que cada um se compromete com o bem comum, com a felicidade dos outros.

Repensar a planificação curricular desta unidade letiva é fundamental. Impõe-se refletir e elaborar um conjunto de conteúdos, objetivos e estratégias de aprendizagem, a partir das metas curriculares definidas, que direcionem para a esperança cristã, que possibilitem uma experiência pedagógica que se desenrole no sentido do compromisso ativo com a esperança.

Nesta terceira parte do relatório final da Prática de Ensino Supervisionada (PES) é pois apresentada uma proposta de enriquecimento da referida unidade letiva. Será proposto o acrescento de alguns temas/conteúdos, que darão à unidade letiva um novo rosto e horizonte, com novas metas e objetivos, permitindo até uma maior ligação com a unidade letiva 2. Consequentemente serão apresentadas algumas modificações na planificação, respeitando sempre a liberdade de cada docente fazer a sua própria abordagem e elaborar as suas próprias estratégias de aprendizagem, fazendo as naturais adaptações de acordo com o ‘público-alvo’ com que tiver que trabalhar.



3.1. Proposta de alteração da unidade letiva 1 – A Pessoa humana

No estudo da unidade letiva 1, sobre a pessoa humana, não basta abordar a dignidade da pessoa ou, especificamente, das crianças. Não basta olhar os atentados aos direitos e à dignidade da vida das crianças. Revela-se fundamental uma ligação à esperança, introduzindo conteúdos que facilitem a compreensão da antropologia e da psicologia da esperança.

Tal como foi dito atrás, a compreensão do ser pessoa não pode dispensar a abordagem e análise das condições que o possibilitem. O ser pessoa é indissociável do viver com dignidade e, conseqüentemente, do bem comum que o possibilita. Daí a abordagem obrigatória da esperança, enquanto fonte da construção de uma sociedade mais justa em que cada um se compromete com o bem comum, com a felicidade dos outros.

No desenrolar desta unidade letiva é pois fundamental abordar a esperança também no sentido do dinamismo e do compromisso que ela exige a cada um. Por isso, na exploração da temática é fundamental que o aluno entenda que promover condições para que todos sejam pessoa com dignidade exige um compromisso com a esperança. Por sua vez, este compromisso com a esperança comporta um compromisso em criar condições e dinâmicas de esperanças para os outros. Por fim, o aluno há-de compreender que tal compromisso conduz à consciência cívica de responsabilidade na construção de uma sociedade de esperança.

Proponho por isso que a unidade letiva 1 – A pessoa humana –, na abordagem da temática da esperança, comece por permitir aos alunos conhecer a(s) esperança(s) e desesperança(s) da sociedade atual, olhando as suas esperanças, ou as suas falsas esperanças e desesperanças, e também em contextos onde os atentados à dignidade e aos direitos da pessoa humana (e das crianças, em particular) são mais que evidentes.

É fundamental que os conteúdos desta unidade letiva permitam aos alunos ter uma visão coerente e real da esperança no mundo de hoje, na sociedade em que vivem. Só assim poderão compreender a esperança não apenas como algo em que se espera e acredita, mas uma virtude e uma força que motiva e exige um compromisso ativo com o outro, e um compadecimento com a situação em que se encontra.

Neste sentido é primordial que o aluno compreenda que a esperança humaniza e dignifica, e que por isso não é uma mera espera (expetativa), mas antes um desafio e compromisso ativo.

Por isso é importante a abordagem da temática da esperança em contexto cristão, olhando-a presente no projeto de Jesus Cristo (a esperança no Evangelho), e consequentemente nos documentos da Igreja, em especial na *Gaudium et Spes* e *Spe Salvi*. Paralelamente observar-se-á a presença da esperança em documentos fundamentais da humanidade, como a Declaração Universal dos Direitos do Homem e a Convenção sobre os Direitos da Criança.

A exploração pedagógica desta unidade letiva há-de pois confluir para o sentido do compromisso ativo com a esperança. Aliás, defendo que, ao longo dos vários anos de escolaridade, as propostas pedagógicas em torno de um compromisso solidário/caritativo devem ter por objetivo o inculcar a prática da dádiva no quotidiano comunitário.

Assim, a organização dos conteúdos da unidade letiva 1 deve visar alcançar as metas curriculares necessárias que capacitem os alunos a ter, futuramente, um papel ativo e interventivo na dinamização da esperança, na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Para a formação desta consciência cívica de responsabilidade na construção de uma sociedade de esperança, proponho que a unidade letiva culmine com a abordagem da esperança que capacita e impele a agir (criar condições e dinâmicas de esperança para os outros). Isto irá concorrer para que o aluno compreenda como “ser pessoa” e como dar condições para que todos sejam “pessoas”, vivendo com esperança, na esperança e numa atitude ativa e de compromisso com a própria esperança.

Apresenta-se de seguida um quadro com uma proposta de reorganização e acrescento de conteúdos, e também um mapa organizador da unidade letiva 1 – A Pessoa humana, com a proposta de alteração/acrescento da temática da esperança. Por uma questão prática os conteúdos acrescentados encontram-se em formato *itálico* e a cor azul.

PROPOSTA DE CONTEÚDOS
<ul style="list-style-type: none">➤ Quem é uma pessoa?<ul style="list-style-type: none">– Estrutura individual (uma unidade irrepetível);– Estrutura pessoal (um ser em relação com os outros).➤ Dimensão física: corpo, fisiologia;➤ Dimensão intelectual: inteligência, imaginação, razão;➤ Dimensão moral e volitiva: distinção entre bem e mal, escolha; vontade e compromisso;➤ Dimensão emocional: emoções e sentimentos;➤ Dimensão social: a relação com os outros;

- Dimensão sexual: a sexualidade abrange a totalidade da pessoa: corpo, inteligência, emoção, vontade, afetividade.
 - A vida emocional deve levar à abertura aos outros, que são diferentes;
 - A linguagem do corpo ajuda-nos a comunicar com os outros.
- Dimensão espiritual: criados à imagem e semelhança com Deus, os seres humanos partilham a abertura ao transcendente:
 - Capacidade de amar e de perdoar;
 - Capacidade de se interrogar sobre a existência;
 - Capacidade criativa e de vivência da liberdade;
 - Capacidade de se abrir à transcendência.
- Deus estabelece com todos uma relação pessoal: Sl 139(138).
- A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa.
- A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação);
- A vocação da pessoa é a felicidade (realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros, ...);
 - Procurar a coerência entre o que se é e o que se aparenta ser;
 - Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade;
 - A aceitação de si mesmo.
- *A(s) esperança(s) e desesperança(s) da sociedade atual: Um olhar sobre a esperança no mundo atual:*
 - *Falsas esperanças e desesperanças*
 - *Atentados à dignidade e aos direitos da pessoa humana (e das crianças, em particular)*
 - *As esperanças da humanidade*
- *A esperança humaniza e dignifica*
 - *A esperança não é espera (expectativa), mas desafio e compromisso ativo*
 - *A esperança leva ao amor, à verdade e à justiça:*
 - *O projeto de Jesus Cristo (a esperança no Evangelho)*
 - *Os documentos da Igreja: Gaudium et Spes e Spe Salvi*
 - A Declaração Universal dos Direitos do Homem;
 - Convenção sobre os Direitos da Criança.

➤ *A esperança capacita e impele a agir (criar condições e dinâmicas de esperança para os outros)*

- Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas”:
 - Estabelecer relações cordiais e verdadeiras;
 - Escutar, ser atento e amável;
 - Defender os direitos humanos:
 - » A Igreja Católica defende os direitos das crianças, entre outros: à família (AA, 30) ao bem-comum (GS, 26), à educação (GE, 1);
 - » A UNICEF;
- *Viver com esperança e na esperança (construir uma sociedade mais justa e fraterna):*
 - *Partilhar e agir na Caridade (compartilhar a esperança):*
 - » *Organizações locais que lutam pela construção de um mundo;*
 - *Comprometer-se ativamente e ir ao encontro do outro:*
 - » *Atitude ativa e de compromisso com a esperança*

Novo mapa organizador da unidade letiva 1 – A pessoa humana

Metas	Objetivos	Conteúdos
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.	<ul style="list-style-type: none"> • Quem é uma pessoa? <ul style="list-style-type: none"> – Estrutura individual (uma unidade irrepitível); – Estrutura pessoal (um ser em relação com os outros).
	2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensão física: corpo, fisiologia; • Dimensão intelectual: inteligência, imaginação, razão; • Dimensão moral e volitiva: distinção entre bem e mal, escolha; vontade e compromisso; • Dimensão emocional: emoções e sentimentos; • Dimensão social: a relação com os outros; • Dimensão sexual: a sexualidade abrange a totalidade da pessoa: corpo, inteligência, emoção, vontade, afetividade. <ul style="list-style-type: none"> – A vida emocional deve levar à abertura aos outros, que são diferentes; – A linguagem do corpo ajuda-nos a comunicar com os outros. • Dimensão espiritual: criados à imagem e semelhança com Deus, os seres humanos partilham a abertura ao transcendente: <ul style="list-style-type: none"> – Capacidade de amar e de perdoar; – Capacidade de se interrogar sobre a existência; – Capacidade criativa e de vivência da liberdade; – Capacidade de se abrir à transcendência.
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	3. Interpretar textos bíblicos que evidenciem, como elemento fulcral da mensagem cristã, o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.	<ul style="list-style-type: none"> • Deus estabelece com todos uma relação pessoal: Sl 139(138).
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	4. Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto (vocação).	<ul style="list-style-type: none"> • A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa. • A autenticidade: fidelidade ao próprio projeto (vocação); • A vocação da pessoa é a felicidade (realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros, ...);

		<ul style="list-style-type: none"> – Procurar a coerência entre o que se é e o que se aparenta ser; – Ter vontade de ser verdadeiro e de procurar a verdade; – A aceitação de si mesmo.
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	5. Identificar e conhecer as esperanças e desesperanças na sociedade europeia atual.	<ul style="list-style-type: none"> • A(s) esperança(s) e desesperança(s) da sociedade atual: Um olhar sobre a esperança no mundo atual: <ul style="list-style-type: none"> – Falsas esperanças e desesperanças – Atentados à dignidade e aos direitos da pessoa humana (e das crianças, em particular) – As esperanças da humanidade
H. Articular uma perspectiva sobre as principais propostas doutrinárias da Igreja Católica. S. Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana	6. Entender a esperança como virtude humanizadora e geradora de dignidade, amor e justiça. 7. Identificar a esperança que dignifica na mensagem evangélica e doutrinal cristã, e nos direitos fundamentais da pessoa e da criança.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ A esperança humaniza e dignifica <ul style="list-style-type: none"> • A esperança não é espera (expectativa), mas desafio e compromisso ativo • A esperança leva ao amor, à verdade e à justiça: <ul style="list-style-type: none"> – O projeto de Jesus Cristo (a esperança no Evangelho) – Os documentos da Igreja: <i>Gaudium et Spes</i> e <i>Spe Salvi</i> – A Declaração Universal dos Direitos do Homem; – Convenção sobre os Direitos da Criança.
Q. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. O. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. P. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	8. Compreender a esperança como força e dinamismo que impele um compromisso ativo com o outro, compadecendo-se da sua situação. 9. Promover as condições para que todos vivam como pessoas. 10. Conhecer Organizações que lutam pela defesa dos direitos humanos e na promoção da dignidade humana.	<ul style="list-style-type: none"> ➤ A esperança capacita e impele a agir (criar condições e dinâmicas de esperança para os outros) <ul style="list-style-type: none"> • Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas”: <ul style="list-style-type: none"> – Estabelecer relações cordiais e verdadeiras; – Escutar, ser atento e amável; – Defender os direitos humanos: <ul style="list-style-type: none"> » A Igreja Católica defende os direitos das crianças, entre outros: à família (AA, 30) ao bem-comum (GS, 26), à educação (GE, 1); » A UNICEF; • Viver com esperança e na esperança (construir uma sociedade mais justa e fraterna): <ul style="list-style-type: none"> – Partilhar e agir na Caridade (compartilhar a esperança): <ul style="list-style-type: none"> » Organizações locais que lutam pela construção de um mundo; – Comprometer-se ativamente e ir ao encontro do outro: <ul style="list-style-type: none"> » Atitude ativa e de compromisso com a esperança

3.2. Proposta de enriquecimento extracurricular: *Clube da Esperança*

A proposta de trabalho que agora é apresentada pretende possibilitar aos alunos do colégio Oficinas de S. José uma continuidade, com dimensão prática, e um formato extracurricular e opcional, da unidade letiva 1 – A pessoa humana – do programa de EMRC do sexto ano. Trata-se, portanto, de uma proposta que visa proporcionar aos alunos uma oportunidade de viver a esperança de modo ativo, em situações e contextos reais e próximos, que lhes permitam experienciar realidades humanas concretas, e contribuir para a dignidade do ser pessoa, para a esperança de alguém.

Esta proposta será, antes de tudo, apresentada ao departamento curricular e conselho pedagógico para aprovação, só depois será apresentada aos alunos e aos encarregados de educação.

O *Clube da Esperança* constitui uma proposta que deverá ser integrada no atual projeto SolSal¹²², cujos objetivos passam por educar para uma participação social ativa, responsável e solidária dos jovens, e que está em sintonia com as atividades do Plano Educativo da Escola; ou poderá assumir a forma de um novo projeto escolar, conforme a fisionomia a adotar pela direção pedagógica.

Partindo do Projeto SolSal, tal como está implementado, seria apresentada à Direção do colégio uma proposta concreta e arrojada de realizar a missão do mesmo. Assim, à cabeça colocaremos os objetivos que conduzirão à ação da proposta, e que de um modo geral são os do Projeto SolSal. Educando os alunos do colégio a quem se destina esta proposta, para uma participação social ativa, responsável e solidária dos jovens, iria-se proporcionar a alunos

¹²² Cf. FUNDAÇÃO SALESIANOS, *Projeto 'SolSal' – Solidariedade Salesiana*, [URL] <http://www.fundacao.salesianos.pt/solidariedade-salesiana/solsal#.U9jQRONdXng>, 30-07-2014.

SOLSAL – Solidariedade Salesiana

O Projeto SolSal tem como MISSÃO acompanhar e formar crianças, adolescentes e jovens à luz do sistema preventivo de Dom Bosco, na expectativa de que lhes seja possível encarar o futuro com esperança e fé na inaudita capacidade humana de superar e se superar.

O Projeto SolSal orienta-se pela VISÃO de querer ser uma referência no desenvolvimento de ações continuadas e permanentes de promoção da educação, a partir da ótica da solidariedade, da positividade, do afeto e do compromisso com a vida. Tem como objetivos:

- Acompanhar e orientar crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade;
- Educar para uma participação social ativa, responsável e solidária dos jovens promovendo a reflexão através de uma educação intrinsecamente evangelizadora;
- Combater situações de carência económica e problemáticas com elas relacionadas;
- Resgatar as redes comunitárias de suporte social como resposta primeira e essencial aos problemas do sujeito, substituindo o ênfase tradicionalmente dado às instituições e aos técnicos.

oriundos de um meio socioeconómico desfavorecido uma oportunidade para “encarar o futuro com esperança e fé na inaudita capacidade humana de superar e se superar¹²³”, objetivo primordial do sistema preventivo de Dom Bosco.

Proposta extracurricular: <i>Clube da Esperança</i>	
Dinâmica	Apadrinhamento e intercâmbio entre alunos do colégio salesiano Oficinas de S. José, oriundos de família de classe média/média alta, com alunos provindos de um meio socioeconómico desfavorecido.
Caracterização	Cada aluno do colégio, que adira a este desafio, irá apadrinhar, em conjunto com a sua família, uma criança de uma outra escola. Neste caso a escola escolhida seria a Escola Básica 2, 3 Professor Galopim de Carvalho, situada no Pendão, Queluz, já que nela frequentam um número considerável de alunos oriundos dos PALOPS, vivendo num meio socioeconómico desfavorecido, e com fracas expectativas em relação à escola. Poderá, contudo, optar-se por outra escola.
Destinatários	Alunos e Encarregados de Educação do 6º ano do colégio salesiano Oficinas de S. José.
Objetivos	Promover a vivência da esperança em situações reais e concretas em contexto local, possibilitando assim: <ul style="list-style-type: none"> - compreender que a esperança é virtude humanizadora e geradora de dignidade, amor e justiça; - compreender a esperança como força e dinamismo que impele um compromisso ativo com o outro, compadecendo-se da sua situação.
Promotores/Agentes envolvidos	Colégio Salesiano Oficinas de S. José e Escola Básica 2, 3 Professor Galopim de Carvalho (ou outra escola), através da realização de um protocolo de cooperação entre ambos os estabelecimentos, e entre estes e os encarregados de educação.
Parcerias	Estabelecimento de parcerias de ação entre ambas as escolas e as instituições com as quais se promoverão algumas das atividades. É o caso da Comunidade Vida e Paz, do Banco alimentar, entre outras.
Atividades a desenvolver	Esta proposta prevê a realização de diversas atividades e linhas de ação, que irão surgindo à medida que o clube for ganhando forma e maturidade, a saber: <ul style="list-style-type: none"> - Encontro inicial na escola sede de apadrinhamento (colégio salesiano Oficinas de S. José) entre todos os alunos envolvidos, de

¹²³ Cf. Ibidem.

	<p>ambos estabelecimentos de ensino, e encarregados de educação.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Partilha de materiais escolares. - Partilha de bens alimentares, higiénicos, roupas, brinquedos, etc. - Participação conjunta entre alunos de ambos os estabelecimentos de ensino em atividades de voluntariado / âmbito solidário, a saber: <ul style="list-style-type: none"> • Ação de voluntariado de limpeza de espaços verdes, num jardim da cidade de Lisboa, ou numa praia. • Acompanhamento das equipas voluntárias da Comunidade Vida e Paz no apoio aos sem-abrigo. • Ação de voluntariado numa das campanhas de recolha de alimentos do Banco Alimentar. • Ação de voluntariado de visita a um Lar de Idosos ou a casa de idosos que vivem sozinhos mas integrados em projetos de apoio a idosos de uma associação local, IPSS ou autarquia. • Ação de voluntariado de visita a uma instituição de crianças com deficiências e/ou a um lar de crianças órfãs/abandonadas. - Intercâmbio trimestral: numa tarde de fim-de-semana a família do aluno do colégio Oficinas de S. José acolhe em sua casa um aluno da família desfavorecida da escola Galopim de Carvalho. Pretende-se que seja uma tarde de convívio em que se aprofunde a ligação entre ambos, e o sentimento de partilha de amizade, de modo a criar no aluno acolhido uma maior expectativa em relação à escola e ao futuro, maior esperança no futuro. Para o aluno acolhedor será uma oportunidade de se sentir construtor de esperança. Este encontro deverá repetir-se, alternando os papéis acolhedor/acolhido, podendo assim a família do aluno carenciado ser também família acolhedora. Deste modo o aluno do colégio terá a oportunidade de conhecer a realidade da vida do amigo que apadrinhou, experienciando assim uma realidade muito diferente da sua. - Encontro-convívio, semestral, um em cada uma das escolas envolvidas. - Encontro final de avaliação.
Responsáveis	<p>Direção de ambas as escolas, Coordenador do Projeto SolSal, Diretores de Turma, Professores de EMRC, Associação de Pais, Encarregados de Educação e outros professores a envolver.</p>



CONCLUSÃO

O presente relatório, surgido no contexto da Prática de Ensino Supervisionada (PES), teve como ponto de partida a unidade letiva 1, “A pessoa humana”, do 6º ano, em conformidade com o programa nacional e oficial de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC). A abordagem da temática da pessoa humana e da sua dignidade, na referida unidade, letiva levou-me a concluir a exigência de outros contornos em termos de conteúdos e objetivos pedagógicos. Daqui resultou a proposta da temática refletida e desenvolvida no presente relatório: *O desafio da esperança, fundamentos e práticas pedagógicas concernentes à unidade letiva 1 do 6º ano de Educação Moral e Religiosa Católica*.

Como referi no início deste relatório, refletir a esperança é um exercício pedagógico, até porque a esperança é ela própria pedagogia de vida que ajuda cada homem e cada mulher na sua realização enquanto pessoa. Por esta razão achei que seria importante o estudo da mesma em contexto pedagógico, no sentido de contribuir para a sua relevância e futura inclusão nos conteúdos de EMRC, concretamente na unidade letiva 1 do 6º ano.

Refletindo sobre a atual unidade letiva 1, com os conteúdos, objetivos e metas que está apresentada no programa curricular oficial, verifiquei que a mesma temática não é contemplada. Assim, ao longo deste trabalho fui procurando contribuir para o estudo, reflexão e fundamentação da esperança, com o objetivo de apresentar uma proposta de reformulação/enriquecimento de conteúdos para esta unidade letiva.

Esta proposta contribui para a valorização da especificidade da EMRC, enquanto disciplina que está ao serviço da educação integral dos alunos.

Na disciplina de EMRC é fundamental a interpretação que a mesma permite fazer da realidade, a partir de uma perspetiva ético-moral. É algo intrínseco à sua identidade, possibilitando ao discente olhar o real como lugar da esperança e compreende-la como força transformadora do presente que assegura um futuro. “O real é compreendido como campo do agir humano, livre e responsável, orientado por princípios e valores ético-morais”¹²⁴.

A EMRC visa assim possibilitar ao aluno um referencial de leitura mais profundo da realidade e da existência humana. Neste quadro inclui-se, por isso, o tema da esperança humana, um dos alvos fundamentais de reflexão da EMRC. Sendo um aspeto incontornável na construção do projeto de vida, a EMRC admite a abordagem da esperança como um exercício pedagógico. Considera-se, por isso, que não basta um trabalho formativo que seja apenas transmissão de conceitos ou reflexão de valores, visto que o jovem vai desenvolver a apetência pela criação de hábitos e de atitudes, através de experiências concretas que, de uma

¹²⁴ SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 19.

forma responsável, desafie a formação religiosa, cultural, moral e cívica, em todos os níveis de ensino. A metodologia pedagógica de EMRC, assumindo a perspectiva integral da formação dos jovens, desafia-os ao encontro do transcendente e do outro e assim, à formação de uma consciência cívica de responsabilidade comunitária.

Deste modo, como referi na terceira e última parte deste relatório, na exploração pedagógica da unidade letiva 1 do programa de EMRC do 6º ano, impõe-se que a mesma vise contribuir para formação de uma clara consciência do *ser pessoa* e, conseqüentemente, de uma consciencialização de um fundamental compromisso ativo com a esperança.

Neste sentido as propostas pedagógicas apresentadas na terceira parte do presente relatório, quer através da reorganização/enriquecimento da unidade letiva 1, quer através de uma proposta extracurricular, vão de encontro ao mesmo objetivo: alcançar as metas curriculares necessárias que capacitem os alunos a ter, futuramente, um papel ativo e interventivo na dinamização da esperança, na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Com este relatório pretende-se, pois, contribuir para um enriquecimento, dinamização e exploração pedagógica desta unidade letiva, de modo a contribuir para a formação, no discente, de uma consciência cívica de responsabilidade na construção de uma sociedade de esperança. Com ela cada aluno, no seu dia-a-dia, e ao longo de toda a vida, compreenderá e saberá como *ser pessoa*, vivendo com esperança e numa atitude ativa e de compromisso com a própria esperança.

“Da nossa ação nasce esperança para nós e para os outros mas, ao mesmo tempo, é a grande esperança, apoiada nas promessas de Deus que, tanto nos momentos bons, como nos maus, nos dá coragem e orienta o nosso agir.” (SS, 35)

Concluo, com esta referência ao Papa Bento XVI, cuja encíclica *Spe Salvi* iluminou este relatório, que nos recorda que agimos e trabalhamos para realizar aquilo que esperamos, mas que, no entanto, quando não alcançamos tudo o que esperamos, só a grande esperança, em Deus que nos conhece e alcança, é que nos faz não esmorecer na construção do Reino, na prossecução do bem.



BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

I – DOCUMENTOS

BENTO XVI, Papa, Carta Encíclica *Spe Salvi – Salvos na Esperança*, Paulus Editora, Lisboa, 2007.

Código de Direito Canónico, Theologica, Braga, 1997.

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Declaração Gravissimum Educationis*, 5, Editorial A. O., Braga, 1983.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação moral e Religiosa Católica. Um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral da CEP, Lisboa 2006.

BOSCO, João (Dom Bosco), *O sistema Preventivo na educação da juventude*, in *A pedagogia de Dom Bosco em seus escritos*. Editora Salesiana, São Paulo, 2005.

FRANCISCO, Papa, *Homilia no Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida*, Jornada Mundial da Juventude 2013, 24/7/2013, nº1, [URL]
<http://www.agencia.ecclesia.pt/dlds/bo/franciscobrasil2013.pdf>, 25-06-2014.

FUNDAÇÃO SALESIANOS, *Método Educativo - Sistema Preventivo de D. Bosco*, [URL]
<<http://www.lisboa.salesianos.pt/>>, 02-01-2014.

FUNDAÇÃO SALESIANOS, *Princípios orientadores e valores fundamentais do Projeto Educativo*, [URL] <<http://www.lisboa.salesianos.pt/>>, 02-01-2014.

FUNDAÇÃO SALESIANOS, *Projeto ‘SolSal’ – Solidariedade Salesiana*, [URL]
<http://www.fundacao.salesianos.pt/solidariedade-salesiana/solsal#.U9jQRONdXng>, 30-07-2014.

GABINETE PARA AS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS E DIREITOS HUMANOS (ODIHR: Office for Democratic Institutions and Human Rights), *Declaração de Toledo*, Organização para a Segurança e Cooperação na Europa, 2008, [URL] <http://www.osce.org/es/odihr/29155>, 15-02-2014.

MARTO, António (Bispo), Nota Pastoral “Critérios para a admissão e recondução de docentes de Educação Moral e Religiosa Católica na Diocese de Leiria-Fátima”, in *Leiria-Fátima – Órgão Oficial da Diocese* 45 (2008) 23-26.

REDE EUROPEIA ANTI-POBREZA, *Indicadores sobre Pobreza*, http://www.eapn.pt/documentos_visualizar.php?ID=322, 24-06-2014.

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa 2007.

SECRETARIADO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, “Ser professor de EMRC, especificidade e distinção”, [URL] <<http://www.educris.com/v2/120-perfil/920-ser-professor-de-emrc>>, 15-03-2014.

II – ESTUDOS

AMBROSIO, J., “A educação moral e religiosa católica na escola pública”, in *Comunnio* 5 (2001) 437-449.

AMBROSIO, J., “As religiões na escola”, in *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões* (2002) 59-63.

ARENDS, Richard I., *Aprender a ensinar*, Mc Graw-Hill, 7ª Edição, Lisboa, 2008, 80.

BORGES DE PINHO, J. E., “Não tenhais medo”, in SANTUÁRIO DE FÁTIMA (Org.), *Não tenhais medo, Itinerário temático do centenário das aparições de Fátima 2012-2013*, Santuário de Fátima, Fátima, 2012, 13-26.

CUCCI, G., “Aspectos Psicológicos de Esperança”, in *Cultura e Fé* 124 (2009), 12-22. [URL] <http://www.infosbc.org.br/portal/images/stories/pdf/esperanca.pdf>, 07-08-2013.

DUQUE, J., “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea”, in *Pastoral Catequética* 5 (2006) 27-39.

FROSINI, G., “La risposta alla grande domanda di speranza”, in *Rivista di Teologia Morale*, 158 (2008) 163-168.

GARELLO, Fabián U. F., “El debate Habermas-Ratzinger. los raíces cristianas del Liberalismo político o historia de una falsificación”, in *Itinere. Revista Digital de Estudios Humanísticos de la Universidad Fasta*, 1-2, Año 3, Vol. III (2013) 3-16, [URL] <http://revistas.ojs.es/index.php/initinere/issue/view/203/showToc>, 15-02-2014.

HEALY, T., “A esperança humana: um desafio interdisciplinar”, in *Brotéria* 137 (1993), 123-136.

LANNA, M., “Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva”, in *Revista de Sociologia e Política* 14 (2000) 173-194, Universidade Federal do Paraná, [URL] <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n14/a10n14.pdf>, 15-04-2014.

LEANDRO, Maria E., “A esperança no mundo de hoje”, in *Brotéria*, 161 (2005) 23-51.

LIPOVETSKY, G., *A era do Vazio*, Relógio D’Água, Lisboa, 1989.

MAGALHÃES, Vasco P., *Onde há crise, há esperança*, Edições Tenacitas, Lisboa, 2008, 37.

MARTINS, Paulo H., “A sociologia de Marcel Mauss: dádiva, simbolismo e associação”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais* 73 (2005), 45, [URL] <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/73/RCCS73-045-066-Paulo%20H.Martins.pdf>, 15-04-2014.

MOITA, F., “Aprender a olhar a vida de maneira diferente”, in *Voz da Verdade*, 2012, [URL] http://www.vozdaverdade.org/site/index.php?cont_=ver2&id=2788, 10-03-2013.

NUNES, T., “Sobre as finalidade de Educação Moral e Religiosa Católica”, in *Pastoral Catequética* 5 (2006) 75-80.

OSÓRIO, R., MAGALHÃES, Vasco P., PEREIRA, Henrique M. S., *Conversas com... princípio, meio e fim*, Paulinas, Lisboa, 1999, 272.

RATZINGER, J., “A Esperança”, in *Communio*, 5 (1985), 451-454.

RIZZI, A., “Le sorti della speranza nell’era moderna”, in *Rivista di Teologia Morale* 158 (2008), 169-172.

RUGGIERI, G., “Esperanças e desencanto da cultura contemporânea”, in FACULDADE DE TEOLOGIA DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA DE LISBOA (Org.), *As razões da nossa esperança, Semana de Estudos Teológicos*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1998, 27-49.

SOULETIE, Jean-Louis, “L’espérance chrétienne dans les sociétés postmodernes”, in *Nouvelle Revue Théologique*, 131/3 (2009), 588-599.